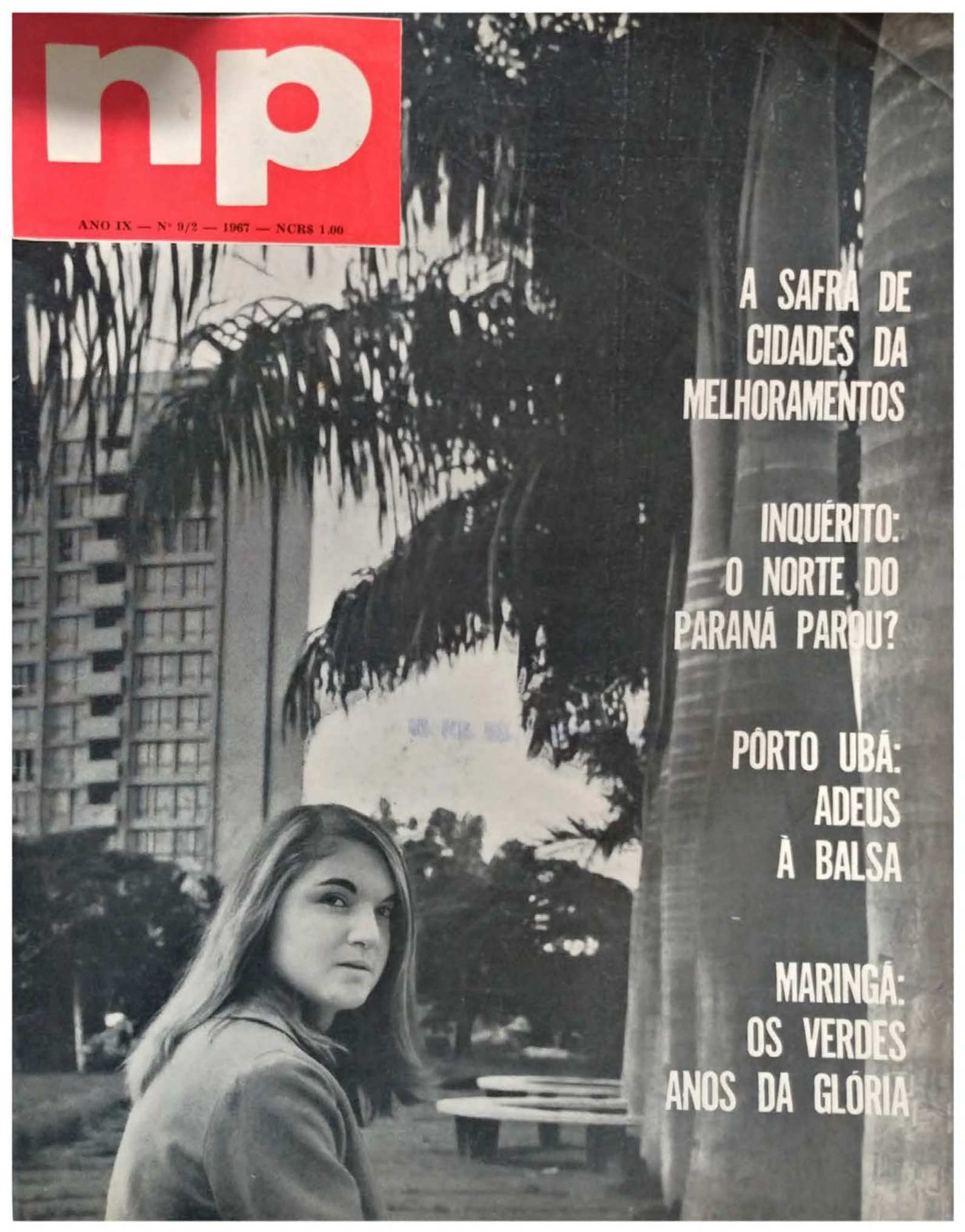




np

ANO IX — N° 9/2 — 1967 — NCR\$ 1,00

**A SAFRA DE
CIDADES DA
MELHORAMENTOS**

**INQUÉRITO:
O NORTE DO
PARANÁ PAROU?**

**PÔRTO UBÁ:
ADEUS
À BALSA**

**MARINGÁ:
OS VERDES
ANOS DA GLÓRIA**

Tradição, experiência, e pioneirismo, também...

Aqui estamos, Maringá. Foi uma longa caminhada até aqui. Caminhamos 109 anos e percorremos 172 agências já espalhadas por êsse imenso Brasil para inaugurarmos mais um departamento, nesse teu vigésimo aniversário, e servirmos ao povo desta fabulosa região.

Trazemos uma bagagem respeitável — perdoe-nos a imodéstia — de tradição e experiência. E pioneirismo, também.

Tradição de solidez, de seriedade, de bons serviços prestados aos nossos clientes e amigos. Tradição que mantemos, zelosamente, desde àquele dia 3 de abril de 1858 quando um Decreto Imperial nos autorizou a funcionar. Experiência de mais de um século mourejando dia-a-dia com os problemas do crédito.

E também fomos pioneiros numa região muito semelhante a esta. Região produtora de matérias-primas — cacau, fumo, cereais — e café, também. Região que hoje, do mesmo modo que o Norte do Paraná, luta corajosamente para implantar a sua era industrial.

Aqui estamos, Maringá. Para servi-la.



BANCO DA BAHIA S. A.

FUNDADO EM 1858

A MULTIFACE DE CADA UM (VI)

A ESTRELA DALVA ENTRE O MAR E A PASSARELA

Reportagem de OSWALDO JANSEN

Dalva faz muita figura, mesmo sendo abstracionista.



"A abstração é um estágio mais desenvolvido do conhecimento artístico. Por isso eu a prefiro, nas artes visuais, a concepções rígidas do figurativismo."

É o que pensa Dalva Carneiro, mulata, que conquistou a passarela, as praias do Paraná e que brilha igualmente nas aulas do curso de pintura da Escola de Belas Artes, onde frequenta o 2º ano.

Dalva é um tipo bastante representativo do que se poderia chamar de Paraná nôvo e que busca a integração. Natural de Jandaia do Sul, está há cinco anos em Curitiba. E tem coração bastante para querer igualmente as duas regiões do Estado.

"A pintura é algo indelével das minhas experiências. E minha identificação com o universo plástico constitui uma exigência vital, na qual pretendo traçar alguns dos meus projetos de realização pessoal, inclusive lecionando, o que pretendo fazer depois da formatura."

Mas suas andanças pela arte não param aí: desejou (e fez) teatro cômico. "A comédia, principalmente a de costumes, que teve no grego Eurípedes um dos seus pioneiros e que deu nascimento à tragédia psicológica, bem distanciada daquela outra fatalista como o "Édipo Rei" de Sófocles, recentemente apresentada na Capital, me parece o filão mais rico da arte cênica. Por sinal que aí também me seduz a contribuição específica que a arte plástica apresenta quer no processo da interpretação — do controle da voz à expressão mimica, que são maneiras de trabalhar a personalidade como se faz com a massa da escultura e as tintas — quer na montagem dos cenários, o uso de cores e luzes."

Também das cores e das luzes da passarela e da praia, Dalva é cativa. Faz temporadas regulares em nossos balneários, principalmente em Guaratuba e é manequim profissional, desfilando para o figurinista Carlos Nunes.

"A passarela é uma experiência também fascinante. Ajustar-se bem a esse mundo — e profissionalmente como eu o faço — é algo que se liga à arte. É uma espécie de teatro também onde procuramos dar vida aos figurinos."

Assim é a estrela Dalva, uma jovem moderna que divide a sua vida entre as telas abstratas e a passarela. E que pretende, em futuro bem próximo, ensinar na escola as duas coisas: arte e elegância.



CAPA — Maria Marta Mantovani tem 16 anos e a vida lhe sorri. E' moça, é bonita, é um pedaço da paisagem de Maringá. De certa maneira, Maria Marta simboliza a esplêndida vitalidade da gente que decidiu construir na terra roxa um exemplo de comunidade jovem, em pleno desenvolvimento. Por isso, ela é a moça da capa.



Neste número:

- Uma estrela Dalva desfila e pinta, 1
- Destaques, 4
- O que vai pela Assembléia, 5
- Norte-Sul sob o signo do Touro, 6
- O fim de mais uma (lucrativa) balsa, 10
- As duas exposições agropecuárias do Paraná, 16
- Norte, o milagre da bravura, 20
- A fala de Hermann sobre o norte, 25
- Maringá, a mensagem permanente do amanhã, 30
- Política, 42
- A transformação de Cidade Gaucha, 44
- Uma competição de chaminés, 48
- Porque o Paraná não parou, 50
- O esnobismo de A. A. de Assis, 56

np — NOVO PARANÁ: Publicação Mensal de propriedade da Editora Norparaná, Escritório Central: CURITIBA — Rua Vol. da Pátria, 475 — Edif. ASA — conj. 813 — Tel.: 4-9010 — Ramal 02. LONDRINA: Encarregado — DANIEL GONÇALVES — Edifício Sahn — conj. 106 — Tel.: 125. MARINGÁ: Av. Getúlio Vargas, 268 — 8º andar — conj. 609 — Tel.: 2188 — Cx. Postal 247. PARANAGUÁ: Encarregado — MAURÍCIO VITOR DE SOUZA — Edifício Itiberê — conj. 1 — aptº 6 — Rua Manuel Bonifácio, 356. SÃO PAULO: Rua Maracá, 114 — casa 6 — Tel.: 63-7870. RIO DE JANEIRO: Rede Paranaense de Rádio Ltda. — Av. Getúlio Vargas, 392 — conj. 306 — Tel.: 23-4588. PORTO ALEGRE: Rede Paranaense de Rádio Ltda. — Edifício Formac — 14º andar — conj. 144. Diretor Responsável: ARISTEU BRANDESPIM. Redator-Chefe: SAMUEL GUIMARAES DA COSTA. Editor: M. CAVALCANTI. Supervisão Técnica: AGÊNCIA DE ASSESSORAMENTO TÉCNICO — CURITIBA. A direção não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos assinados, nem devolve originais quer sejam ou não publicados.

A ARVORE QUE CURA — No meio da mata, um homem retorna ao tempo dos flintstones: trepa na árvore para arrancar a casca. Isso está acontecendo desde que um médico de São Paulo disse ser a casca do ipê roxo capaz de curar doenças que vão desde o câncer até a urticária. Ele não tem urticária nem câncer, mas sabe que na cidade a casca de ipê roxo poderá ser vendida por bom dinheiro.

BANDEIRA DE UMA GERAÇÃO

Para os paranaenses do sul persiste a idéia de que o café é um negócio de interesse apenas dos homens do Norte do Estado e, quando muito, das firmas armazenadoras ou exportadoras que operam em Paranaguá, dos trabalhadores do pôrto, enfim, um negócio distante e alheio às preocupações cotidianas do sulista.

Essa é uma posição positivamente errada de quem, vivendo aparentemente sem qualquer vínculo direto com o produto, supõe que a economia cafeeira, o mercado internacional do café, seus preços internos e externos, em suma, sua política econômica, nada tem que ver com suas atividades pessoais e com sua vida particular.

A verdade, no entanto, é que no Paraná, pelo menos, o café interfere muito mais do que parece na vida de toda a população do Estado e de grande parte do país.

Ele continua a ser a nossa principal moeda de compra no exterior, contribuindo para a capacidade brasileira de importar, de cujo nível depende o próprio desenvolvimento econômico nacional, na aquisição de equipamentos, combustíveis, trigo, matérias-primas e bens de produção, indispensáveis ao processo de industrialização.

No Paraná ele regula o nível da renda global e da renda «per capita» do paranaense, influi no comportamento da receita pública, na intensidade dos trans-

portes e comunicações, nas transações comerciais e até no nível dos preços dos produtos agrícolas que abastecem as áreas de consumo.

É o sustentáculo da economia estadual em nossos dias, como foram a erva mate, a madeira e, em época mais remota, o gado, aos quais o café substituiu sem maiores abalos, não tendo, por ora, nada que o substitua sem risco de grave crise.

Hoje, a política do café se confunde com a própria política do Paraná, não podendo ficar restrita à manifestação de vozes isoladas no legislativo estadual, no Congresso Nacional, na imprensa e nos altos círculos oficiais. É preciso que o assunto café desça ao povo, motive a opinião pública e se transforme no centro dos debates e das discussões de interesse geral.

No Paraná é preciso que se fale de café como se fala de futebol, de iê-iê-iê, de carestia da vida, como um tema obrigatório e cotidiano, para que a opinião pública se organize e atue vigilante na defesa do produto e para que ele tenha, afinal, o tratamento que merece no plano federal, de sorte a servir ao Paraná conforme, em certo tempo, serviu a São Paulo, dando-lhe prestígio e grandeza.

Porque mais que o produto de uma região do Estado o café é uma causa paranaense, a bandeira de toda uma geração.

O REDATOR CHEFE

DESTAQUES

A bancada paranaense aos poucos vai perdendo a timidez em Brasília: LEO DE ALMEIDA NEVES, pouco depois da Páscoa, mostrou que pretende ser pasqualista no MDB ao apresentar projeto restabelecendo os direitos dos acidentados. Sua iniciativa amplia o conceito de acidente do trabalho abrangendo o acidente típico, moléstia profissional e doença do trabalho.

O brado de alerta veio de Guarapuava: o prefeito NIVALDO KRUGER mostra em movimento que iniciou o absurdo da inexistência de quota de exportação de carne para o nosso Estado, quando se faz tamanho esforço pela pecuária. O presidente da Associação dos Municípios olhou o problema em suas dimensões regionais sem perder a perspectiva brasileira. Choveu apoio de todos os lados.

Depois da encampação do Banco Francisco Telles, o Banco Mercantil e Industrial do Paraná acaba de incorporar, também, o Banco do Povo de Mato Grosso, com 24 agências. Em consequência, o grupo BAMERINDUS conta, agora, com 229 departamentos nos Estados do Paraná, Minas Gerais, Santa Catarina, São Paulo, Guanabara, Rio de Janeiro e Mato Grosso, elevando-se a 18,5 milhões de cruzeiros novos a soma de seu capital e reservas.

O milho, segundo os primeiros levantamentos, já se revelou segundo fator de riqueza do Estado, mais do que a terça parte do que dá o café. Acredita-se que gerará renda de quase 250 milhões de cruzeiros novos. O presidente da CODEPAR, sr. ERCILIO SLAVIERO, tem mantido contactos seguidos com o secretário da Fazenda, LUIZ FERNANDO VAN DER BROKE, visando racionalizar a incidência de tributos para garantir a exportação a preços competitivos.

O Porto de Paranaguá foi várias vezes citado nas deliberações e debates da Conferência de Punta Del Este como um instrumento eficiente da integração latino-americana e dentro do funcionamento do Mercado Comum. O engenheiro MIRANDA RAMOS, administrador daquele escoaouro, estava eufórico ante o fato de que muitos dos argumentos expedidos na conferência foram motivados por sua administração.

Expertos em economia pecuária afirmam que a FEIRA DE LONDRINA levou a melhor sobre a de CURITIBA no que concerne às características raciais dos rebanhos, excluindo os plantéis da Secretaria da Agricultura que na realidade assombram a todos. Mas, em que pese isso, a de Curitiba — superior em diversões e atrações movimentou em negócios de compra de animais quase 200 mil cruzeiros novos, enquanto a de Londrina não chegou a 10% desse total.

Já aprovada pelo governo federal, vai entrar em funcionamento outra empresa de economia mista no Paraná — a CREDIMPAR (Companhia de Crédito Imobiliário) com capital inicial de 700 mil cruzeiros novos. Operará em financiamentos para construção, venda ou aquisição de habitações, tendo como acionistas a CODEPAR, DINEPAR, SANEPAR, COHAPAR, COPASA, IPE, e CAPE DO PARANÁ que subscrevem as cotas do capital inicial. Seu diretor presidente é o sr. HARRY WEKERLIN, que até pouco tempo dirigiu o Instituto Nacional do Mate.

MARINGÁ poderá ter a estação de televisão de maior potência do país. Estudos indicam que o limite pode ser de 80 Kw. O edital de concorrência será aberto em breve, estando assegurada a participação do grupo da TV Iguaçu. Em Apucarana a concorrência está adiantada para julgamento próximo. Concorreram: TV Guaira (Associados), TV Horizonte (Jayme Canet e Ney Braga), TV Ouro Verde (Samuel Silveira) e TV Tibagi (grupo da TV Iguaçu).



O presidente do Banco da Bahia, CLEMENTE MARIANI, decidiu ir pessoalmente a Maringá conhecer a mais nova agência de sua organização. É uma homenagem à cidade e um sinal de consideração a ERMELINDO BOLFER, em cuja capacidade e prestígio estão depositadas as esperanças da diretoria do Banco da Bahia. Bolf, que acaba de ser eleito governador do Lions Clube do Paraná já foi gerente do Banco Nacional de Minas, diretor do Banco do Estado do Paraná e fundador e superintendente do Banco do Paraná, exercendo agora o cargo de superintendente regional (para o Estado do Paraná) daquele importante estabelecimento de crédito bahiano.

★

Mais de 100 pessoas continuam chegando mensalmente a Dr. Camargo, no Norte do Paraná, sem saber exatamente o que fazer: ali é o fim da linha. Geralmente decidem ir até a Prefeitura, onde o prefeito Alquirino Bannach sempre consegue garantir a comida do dia e uma passagem para algum lugar. Mas não dá dinheiro vivo: sabe por experiência que com dinheiro na mão a viagem pode se transformar numa memorável bebedeira, que não deixa de ser um protesto contra a morosidade com que a linha vai caminhando para oeste, em direção a Cianorte. Dr. Camargo é um município que, além da turma do fim de linha, resolve outros importantes problemas. A rede de água, por exemplo, já atende ¾ da cidade e foi construída com dinheiro do município. Que agora vem em maior abundância, graças aos nove fiscais contratados para fiscalizar as saídas da cidade e garantir a arrecadação do ICM.

NP NA ASSEMBLÉIA

CLOVIS STADLER DE SOUZA

nova carta

Ao circular esta revista, estará o Estado com uma nova Constituição, promulgada pela Assembléia Legislativa dentro do prazo fixado pela Carta Magna do País. O diploma a ser aprovado conta com a cooperação dos Poderes Executivo e Judiciário, além de ser resultado de pesquisas, estudos e consultas às entidades de classe e autoridades estaduais, através de um ante-projeto, que foi debatido e emendado pela Comissão Especial designada pela Presidência da Assembléia. Da Comissão Especial faziam parte sete destacados membros da "Arena" e dois do MDB. Releva citar, nesta oportunidade, o clima de entendimento e harmonia existente entre os dois blocos políticos na aprovação desta Lei, conseguida com a intervenção habilidosa do governador Paulo Pimentel e da liderança oposicionista. Face à exiguidade dos prazos, a Assembléia entrou em período de esforço concentrado, a fim de dinamizar a apreciação dos aspectos fundamentais da importante matéria constitucional. A nova Carta a ser aprovada representa o resultado de uma sistematização racional e que visa dar melhor unidade à preceituação constitucional do Estado, com observância das novas disposições da Constituição promulgada pelo Congresso Nacional.

estruturação de áreas

Enquanto isso, a última semana parlamentar notabilizou-se, também, por dois fatos importantes: o primeiro, diz respeito à fatalidade do prazo fixado pelo Tribunal Superior Eleitoral, na sua última decisão, para que a "Arena" e o MDB, nos Estados, estruturarem as comissões municipais até o dia 30 de junho próximo e, o segundo, pela vitória conseguida pelos deputados situacionistas, junto ao Governo, no sentido de obterem melhor tratamento nas Secretarias de Estado. Este tratamento foi recomendado pelo Chefe do Poder Executivo na última reunião do Secretariado — qualificada como o maior

encontro do atual período administrativo — que enalteceu a necessidade do Governo em manter uma maioria legislativa. Anteriormente, vários episódios vinham empanando esta aproximação e havia sérios indícios de uma possível cisão na bancada, com a formação de um bloco de "rebeldes".

de baixo para cima

A decisão do TSE, por outro lado, mostrou uma grande verdade: oposição e situação se desejarem subsistir, partidariamente no Paraná, terão que enfrentar uma realidade prevista por aquele órgão eleitoral, ou seja, fazerem a sua estruturação de baixo para cima. Terão que ir ao interior do Estado para buscar, pela via de filiação, aquele contingente numérico fixado pela legislação eleitoral em vigor, vale dizer, especificamente, a Lei Orgânica dos Partidos Políticos e o Ato Complementar n° 29.

Como se vê, o prazo fixado — até 30 de junho próximo — é pequeno para tarefa gigantesca. O titular da Pasta Política do Governo, deputado Mattos Leão, tem realizado um grande esforço no quadro situacionista, visando aquele objetivo. Além dos encontros que vem mantendo com os parlamentares, marcou uma reunião na sede da agremiação, onde debateu o problema do ingresso dos novos deputados no Diretório Estadual e estudou, em conjunto, a campanha para a filiação partidária. No MDB, reuniões seguidas da bancada estadual com representantes da Câmara Federal, vêm dando o esboço para aquele movimento. Aguarda-se, para os próximos dias, a vinda a Curitiba, do sr. Renato Celidônio, presidente do Modebra, para estudo final do problema.

melhores preços

Esteve no Rio uma comissão parlamentar paranaense, integrada pelos deputados Erondy Silvério, Abrão Miguel, Fuad Nacle, Paulo Poli, Silvio Barros, Gabriel Manoel, Ivo Tomazoni, Ovídio Franzoni, João Jacomel e Agnaldo Pereira, que foi reivindicar das autoridades federais, a fixação dos preços mínimos para vigorar no local da produção agrícola e melhor preço para o café.

Junto aos ministros Delfim Netto, da Fazenda; Ivo Arzua, da Agricultura e Horácio Coimbra, Presidente do Instituto Brasileiro do Café,

os deputados salientaram a necessidade de se rever a política de preços, sob pena de se generalizar um desestímulo à produção e, consequentemente, com o risco de não haver, no futuro, alimentos suficientes às necessidades mínimas do Brasil. As autoridades do Governo foram unânimes em reconhecer a justiça da reivindicação e comprometeram-se a tomar decisão visando amparar o setor agropecuário.

cidadão honorário

Celso Garcia Cid, agricultor, pecuarista e homem de empresa no Norte do Estado, receberá o título de "Cidadão Honorário do Paraná", conforme projeto apresentado pelo deputado Olavo Ferreira da Silva. A homenagem está em função dos méritos pessoais e da colaboração que Garcia Cid empresta ao Paraná.

lei «pinto dias»

O deputado Artur de Souza apresentou um projeto revogando a lei que proibia a exportação de tóras para fora do Estado. Esta, conhecida como Lei "Pinto Dias", por ter sido apresentada por aquele parlamentar de Paranaíba, tinha, no seu sentido imperativo, o objetivo de impedir, principalmente, que a madeira do Setentrião paranaense fôsse industrializada em São Paulo e retornasse, beneficiada, ao Paraná. O decreto, porém, que a regulamentou, ultrapassava a sua finalidade, tornando-a, na prática, derogável. Agora, surge este novo projeto que, se no aspecto econômico é defensável, por outro lado choca-se com dois artigos da Constituição Federal, que tratam do tráfico de mercadorias e sobre o comércio interestadual, de competência da União.

«comandos políticos»

A distribuição dos "Comandos Políticos" na área situacionista provocou, como era de se esperar, reação na bancada do MDB, na Assembléia Legislativa. Em carta-aberta que endereçou ao governador Paulo Pimentel, o representante do Sudoeste paranaense, sr. Jacinto Simões, fez um apelo ao chefe do Executivo para que não adotasse aquela prática política em sua administração, salientando os seus aspectos negativos. O sr. Simões qualificou os "Comandos Políticos" como retorno à política do coronelismo e dos chefetes políticos.

Março e Abril: Sob o Signo do Touro

Duas feiras agropecuárias mostraram mais do que qualquer outro fenômeno a saudável emulação que hoje substitui a disputa de ontem, à base de ressentimentos, entre o norte e o sul. Londrina e Curitiba provaram sua condição de metrópole nessas oportunidades, a primeira tendo a primazia de receber o novo presidente Costa e Silva, em recepção de que participaram mais de cem mil pessoas e a segunda com o sucesso sem precedentes do certame e outras promoções que se lhe seguiram, inclusive os grandes lançamentos do filme "A Bíblia", o espetáculo "Carnaval no Gelo" e a peça teatral "Édipo Rei". Mas Maringá, que também não fica alheia a essa competição, como indiscutível capital do norte novíssimo, resolveu mais uma vez dar o ar de sua graça, mostrando o valor de sua gente e o poderio de suas conquistas nas comemorações do seu vigésimo aniversário. Negativo mesmo foi o Ferroviário no Torneio Roberto Gomes Pedrosa, oportunidade sem par dada ao Paraná para mostrar o seu valor no futebol. Perdeu todas e empatou uma com o Bangu e entrou e saiu de várias crises e se estas deixarem cicatrizes, o "bôca" está com catapora permanente. Nas festas pascoquinas, mais uma vez Curitiba brilhou nas promoções do Graciosa Country Club com seus torneios nacionais de golf e de tênis. Mas a Páscoa revelou o óbvio: ainda estamos entalados em crise, embora a abertura para a esperança do novo governo nacional. Baixa a movimentação, tanto no que concerne ao comércio especializado (chocolate principalmente) como nas andanças de férias com as praias mais ou menos às moscas. O Paraná obtinha postos importantes no governo federal: o Ministério da Agricultura para o sr. Ivo Arzuza, uma diretoria da Eletrobrás para o engenheiro Maurício Schulmann e a ida do sr. Horácio Coimbra para o IBC, justamente o grande empresário da Cacique de Café Solúvel. Isso prova que os nossos quadros humanos estão valorizados e, no caso do IBC, vem dar uma injeção de otimismo nos desalentados empresários do café, que ouviram do presidente da República uma profissão de fé na liderança que o produto ainda detém na economia brasileira.

NO GELO A MAIOR ESTRELA

Quente mesmo foi o "Carnaval no Gelo" que arrastou multidões entusiasmadas na primeira quinzena de abril ao Ginásio do Tarumã. A estrela maior foi Glete Borgen, uma escandinava que acha os brasileiros muito ousados, mas que flutua com muita graça. Das estréias nacionais aqui ocorridas, incluindo a tragédia de Sófocles "Édipo Rei", encenada por Paulo Autran, foi o melhor de tudo. Por sinal que Laurence Olivier levou quase dois anos preparando "Édipo" e os brasileiros o fizeram em menos de 4 meses. O governo estadual investiu o suficiente na montagem para que a tragédia se desloque a outros centros.

O filme "A Bíblia" também foi lançado nacionalmente na Capital. Sucesso comercial, embora artisticamente não fuja do caráter comum aos espetáculos luxuosos e grandiloquentes.

Cidade Pequena dá os grandes

As pequenas cidades tradicionais do Paraná é que tem fornecido mais ministros ao Brasil. Curitiba só teve um na pessoa do sr. Aramis Athayde, ministro da Saúde do governo Café Filho. A Lapa vem batendo a Palmeira na raia ministerial por 3 a 2: General Ciro do Espírito Santo Cardoso (ministro da Guerra no governo Getúlio Vargas), Flávio Lacerda e Ney Braga no governo Castello Branco, todos lapeanos, e Jesuino Macdones (ministro da Fazenda na monarquia) e Ivo Arzuza, ministro da Agricultura, estes palmeirenses. Paranaguá comparece com Bento Munhoz da Rocha Netto, também no Ministério da Agricultura do governo Café Filho, e Rio Negro com Amaury de Oliveira e Silva, o cassado ministro do Trabalho da fase João Goulart.

O assunto está a merecer um estudo sério sobre o problema da formação das nossas lideranças. Ocorre que a região do café como a do oeste, as mais vivas sob o ponto de vista do desenvolvimento atual, ainda não têm idade para lançar filhos seus, embora homens daquela região apareçam com destaque na vida nacional, às vezes integrando o staff governamental de outros Estados e mesmo da União. O atual presidente do Instituto Brasileiro do Café, sr. Horácio Sabino Coimbra, com vinculações estreitas em mais de três unidades federativas, é um homem do norte.

Um aspecto merecedor de registro é o fato de cidades como a Lapa e a Palmeira, com tão nítida representação de liderança, serem áreas típicas de economia estagnada. Ambas com características de «passagem» até hoje e que tem o seu maior alento ainda num esquema rodoviário que não as anulou completamente.



TRABALHADOR RIMA COM DOR E FLOR

Entramos em maio, mês dos trabalhadores, das noivas, das mães e das flores. Os trabalhadores continuam sendo, apesar das esperanças hoje abertas, o setor que mais tem suportado os efeitos da crise nacional. Há um espírito francamente colocado hoje a seu favor como talvez em época nenhuma. Haja vista a última encíclica "Populorum Progressio", documento de uma lucidez extraordinária que dá bem o testemunho cristão numa época de violentas transformações, mas na qual ainda persiste o fato evidente de que 2/3 da humanidade padecem de fome. Tudo o que se faz para integrar o trabalhador ainda está longe de satisfazer às exigências de uma vida

digna. Mas o vento saudável de emancipação é uma esperança muito viva, apoiada por amplos setores da sociedade brasileira e dos governos municipal, estadual e federal, este dando uma arrancada no relativo grau de paralisia que marcava a situação do trabalhador, abrindo o diálogo e mais do que isso tomando medidas concretas em favor das diversas categorias profissionais da cidade e também do campo. É uma esperança e uma perspectiva de gradual ascensão desse homem que na dureza da faina agrícola ou nos andaimas das construções nas cidades a tudo transforma e modela com suas mãos rijas, mas generosas.



LOGO HAVERÁ LUZ PARA TODOS

Dentro de 3 anos nenhum município paranaense deixará de ter luz. Essa é uma promessa do governador Paulo Pimentel, constante de sua plataforma e que vem sendo executada rigorosamente dentro da programação. Ainda nas últimas semanas nesse setor tivemos a inauguração da usina diesel de Pozo do Iguaçu, de 2.500 kW, que veio suprir as falhas da hidrelétrica do Ocoí que vinha falhando. — «Agora haverá energia durante 24 horas sem interrupção para toda a região» — disse o governador, acrescentando que o oeste e o sudoeste neste quinquênio ganham destaque no programa de eletrificação. Em seguida, no setentrão, o governo procedeu a entrega oficial de novas redes de distri-

buição em 10 localidades, abrangendo Maringá, Paranavai e norte de Londrina. Na maioria dessas cidades — e aí estão Bela Vista do Paraíso, Porecatu, Castelo Branco, Florai — a COPEL reconstruiu totalmente as redes de distribuição. As unidades diesel de Umuarama e de Maringá em breve também vão entrar em operação, sendo que a primeira se encontra em fase de testes.

Na Capital, além das duas unidades da Aliança para o Progresso de 3.500 kW, haverá melhoras substanciais com o recebimento da energia da termelétrica da SOTELCA, de Santa Catarina. Neste ano haverá acréscimo de 15 mil kW e no vindouro de 50 mil kW.

A TERRA É BOA, MENINO

Só mesmo quem entende bem o milagre do Norte do Paraná acredita que a coletoria estadual de São João do Ivaí — uma pequena cidade que há apenas dois anos foi transformada em sede de município — tenha conseguido arrecadar 383.232 cruzeiros novos de janeiro a 15 de abril, quando no ano passado a arrecadação total não passou de 289 milhões.

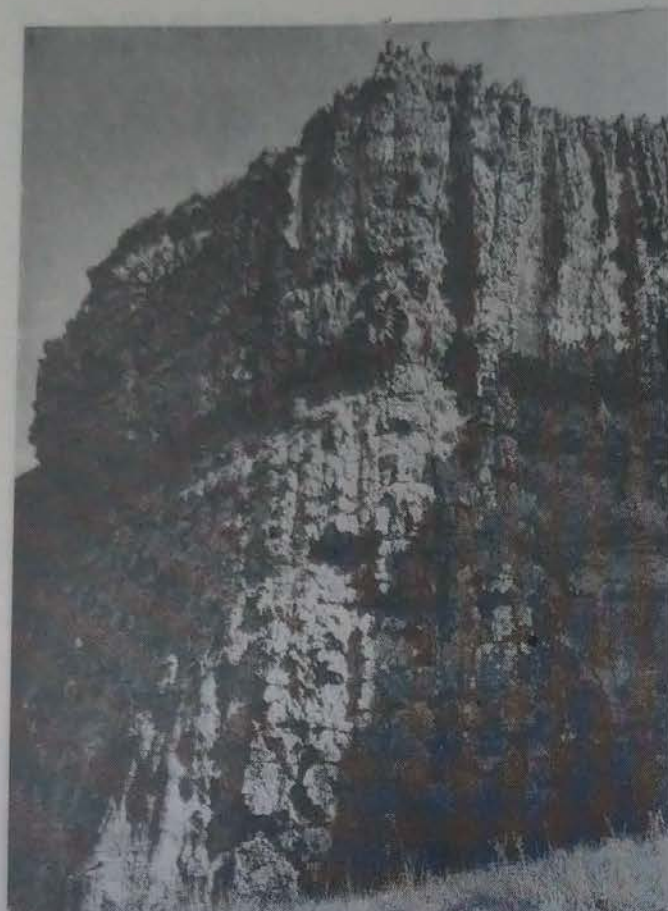
O lapeano Acyr Leonardí, que é um dos poucos prefeitos municipais vindos do Sul, conhece bem o milagre e não fica surpreso com isso. Apenas trata de aplicar os 76 milhões de cruzeiros antigos que a Prefeitura recebeu à boca do cofre, na coletoria estadual, como sua participação no ICM. E mandar que seus fiscais cuidem melhor ainda dos caminhões que passam, a fim de que nenhuma guia deixe de ser paga a tempo e no local certo: o município produtor.

São João do Ivaí tem 634 km² e 50 mil habitantes. Vai ganhar luz da Copel até dezembro deste ano (o motor logo estará a caminho). E está cuidando seriamente de seus problemas. Até o fim do ano, também, haverá mais 56 salas de aula. E mais máquinas para conservar e abrir novas estradas municipais. Começa a ser discutido a sério a questão do saneamento, agora que o município tem condições de procurar um convênio com a Sanepar.

Na rua principal da cidade, um menino recebeu uma notícia com cara feia: dentro em breve a cidade vai resolver a questão do ginásio e ele que termina este ano o curso primário não poderá ficar jogando bola pelas ruas, como já havia sonhado. Também pouco poderá ser chofer de caminhão — "um jenetim grande" — porque o pai resolveu mandá-lo mais tarde estudar Medicina em Londrina. Para o garoto, essas notícias não são nada boas, ele não compreende porque os pais, o prefeito, toda a gente grande anda tão contente nos últimos tempos.

Além da escola, da luz, dos outros melhoramentos, a gente grande anda contente porque a safra está sendo boa. Quase 170 mil sacas de feijão, um milhão de sacas de milho (é um dos maiores municípios produtores do Estado), 20 mil quilos de óleo de hortelã só no primeiro corte, mil porcos vendidos, 1.500 arrobas de algodão, 4 mil aves. Quase tudo se vende depressa, com bom lucro, e mais dinheiro entra na exatária, onde seu Sigfried Thiem lida com a máquina de calcular.

É que a terra é boa, menino.



*A rocha matriz do arenito
Vila Velha é da África.*

PARANÁ, CEM MILHÕES DE ANOS ATRÁS

O achado de um fóssil nos xistos pirobetuminosos em São Mateus do Sul — o Mesosaurus — provocou onda na imprensa paranaense. Mas o fato nada tem de incomum, conforme explicou o geólogo Riad Salamuni. Nosso colaborador, Leszek Celinski, lembrou a respeito que o referido achado é muito encontrado na África Oriental o que restabelece a hipótese da discutida teoria da migração dos continentes e da Terra de Gondwana que abrangia América do Sul e África.

«O sul do Brasil apresenta boas evidências em favor desta teoria», — diz Celinski — «verificando-se que as estruturas e a situação do primitivo maciço cristalino são iguais em ambos os lados do Atlântico. As camadas gondwânicas que afloram na costa leste sul brasileira, numa extensão de 218 km, opõem-se 222 km de igual afloramento na costa oeste africana, perfeitamente adaptadas.»

Acrescenta que «muitas rochas aqui encontradas são de origem estranha e das pesquisas resultou que este material foi trazido de regiões orientais. Cita como testemunhos: a rocha matriz do arenito Vila Velha se situa na África, o mesmo ocorrendo com os diamantes encontrados no rio Tibagi.

Celinski, com farta bibliografia sustentando tal ponto de vista, mostra mais que as semelhanças de contornos das costas africana e sul-americana lembram perfeitamente o encaixe de duas peças de um «quebra-cabeças» infantil e que este é o ponto de partida desse mar de teorias.

A fenda teria ocorrido há 100 milhões de anos, originando o oceano Atlântico, acompanhada do «vulcanismo gondwânico de derrames basálticos formadores do trapp paranaense no 2º e 3º planaltos.»

O TRANSPORTE MAIS RÁPIDO
ENTRE SÃO PAULO E
NORTE DO PARANÁ

ENCOMENDAS ENTREGUES EM
24 HORAS

TARIFAS BAIXAS E RIGOROSA
OBSERVÂNCIA DOS HORÁRIOS

DIARIAMENTE

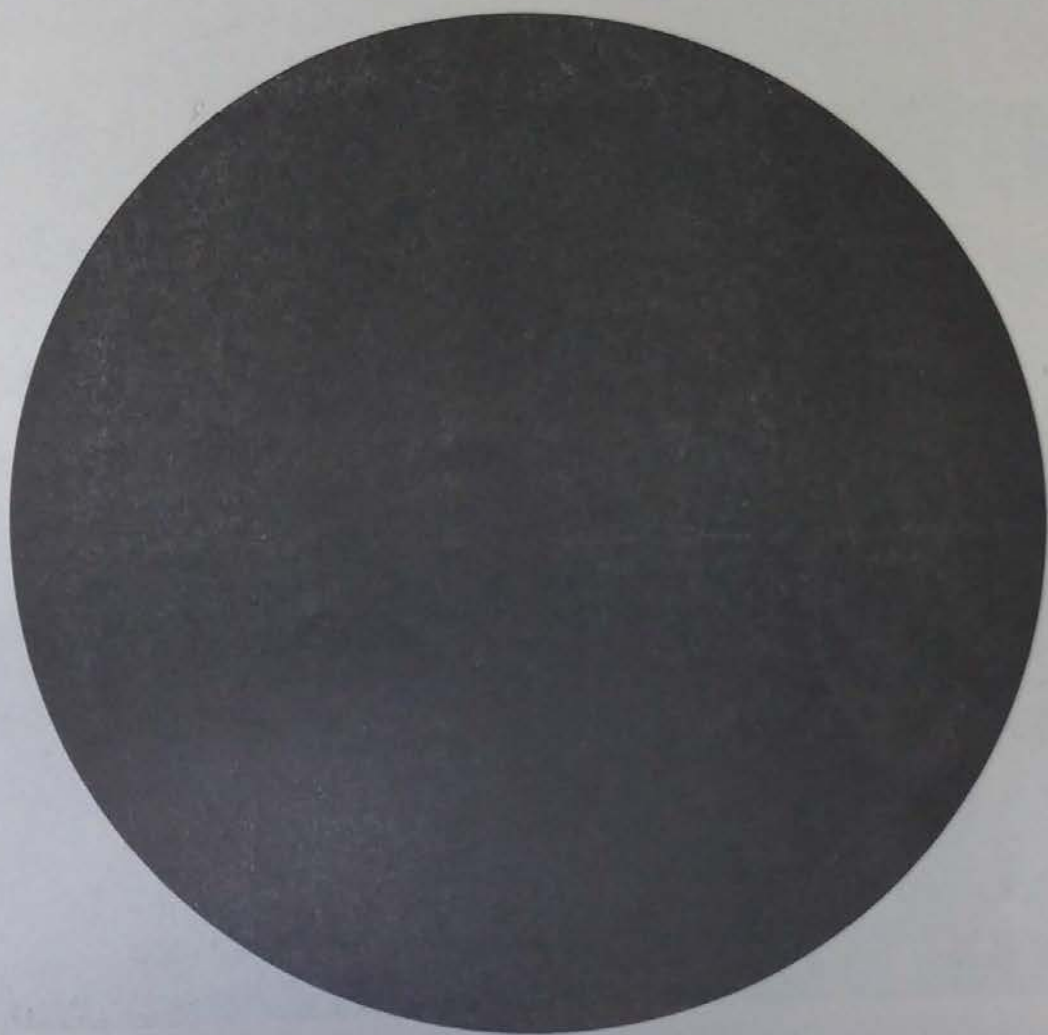
DE SÃO PAULO PARA
OURINHOS — CAMBARÁ — ANDIRA — BAN-
DEIRANTES — SANTA MARIANA — CORNÉ-
LIO PROCÓPIO — LONDRINA — CAMBÊ —
ROLÂNDIA — ARAPONGAS — APUCARANA
— JANDAIA DO SUL — MANDAGUARI —
MARIALVA — MARINGÁ E VICE-VERSA

EMPRESA TRANSPORTADORA

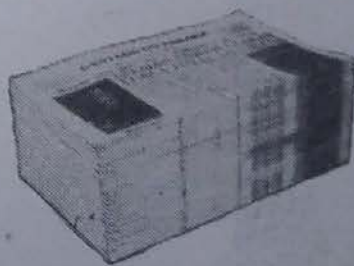
ANDRADE LIMITADA

SÍMBOLO DE GARANTIA,
PONTUALIDADE E RAPIDEZ

ESCRITÓRIO CENTRAL:
RUA HENRIQUE DIAS Nº 67
FONES: 93-6297 — 63-9894 — 63-2433
SÃO PAULO — CAPITAL



SOBRIEDADE, TAMBÉM



O PRIMEIRO
JORNAL
PARANAENSE
FUNDADO EM 1889



Um bom jornal precisa ter manchetes
de dois metros de altura?
Muitos acham que sim.

Nós, não.

O ESTADO DO PARANÁ preocupa-se mais
em dar a informação precisa, completa
do que "manchetear".
Achamos que a boa imprensa não é feita
só de tinta e papel.
De sobriedade, também.

O ESTADO DO PARANÁ



Este é o cotidiano de Porto Ubá. Filas imensas de automóveis, caminhões e ônibus, esperando a sua vez para a travessia do Rio Ivai. De vinte em vinte minutos a cena se repete.

Esta Balsa Vai Acabar

Em setembro de 1965, o governador Paulo Pimentel, então candidato, fez um discurso para 800 motoristas que estavam com seus caminhões parados ao longo da estrada que liga a região de Ivaiporã à Estrada do Café. Prometeu-lhes que, se eleito, acabaria com o problema mais angustiante de todos: a balsa.

Poucos acreditaram em Paulo e um jornalzinho da região chegou a classificar aquele compromisso do candidato com seus eleitores de «demagogia de estrada». Hoje, menos de dois anos depois, a ponte está pronta e não haverá mais filas de caminhões acompanhando o preguiçoso vaivem da balsa.

Está assegurado o livre fluxo das mercadorias produzidas na região ao sul do rio Ivaí — uma das mais férteis do Estado e a maior concentração de produtores de milho de ótima qualidade — até a Rodovia do Café, os centros consumidores e os portos de exportação.

A ponte sobre o rio Ivaí — obra anônima de um Governo que não se preocupa com intrigas e tem um plano a executar — é mais um marco do novo Paraná. Nêle os caminhos serão mais fáceis e rápidos e o desenvolvimento não será freiado pelos obstáculos da natureza.

SEQUE



A balsa e a ponte. A primeira, vivendo seus últimos dias de glória e riqueza — seu proprietário que o diga! A segunda, chegando aos últimos estágios de construção, vai libertar, dentro de alguns dias, uma das regiões mais ricas do Paraná. E os municípios do outro lado do Ivaí vão escoar sua produção sem necessidade de pagar "direito de passagem".

NICOLA O PANORAMA VISTO DA BALSA

— O homem ganha 19, 20 milhões por mês. Precisava disso?

Nicola Ferruccio não gosta de ver gente muito rica. Por isso não gosta do dono da balsa que faz a travessia do rio Ivaí, ligando a região de Ivaiporã à de Apucarana e à Rodovia do Café. São 200, 300 carros, ônibus, caminhões que atravessam todo o dia. Automóvel, 1,5 cruzeiro novo; caminhão, 2,5.

Para que tanto dinheiro? — reclama Nicola, a quem a renda da vendinha basta para viver bem e ainda sobra tempo para pescar.

A história da balsa é complicada. Foi comprada junto com uma fazenda de 200 alqueires, com pasto, gado e tudo. No negócio, ela entrou no máximo por 40 milhões. A renda de dois meses. Os moradores contam que o antigo dono, quando compreendeu o mau negócio que fez, morreu de desgosto. Pode ser história. Mas a balsa é de verdade.

São sete os empregados, só um ganha mais que o salário-mínimo, 92,5 cruzeiros novos. O consumo é de 30 litros de óleo Diesel por dia. Um tanque de Volkswagen. O resto é tudo lucro, até o dia 15 de maio.

É aí que o velho Nicola ri, que os motoristas riem, apesar do calor, da poeira, da fila, da espera. E olham um pouco mais para o lado, onde está quase terminada a ponte de concreto que o Departamento de Estradas de Rodagem mandou fazer para que não haja mais pagamento, nem fila, nem espera.

A obra foi considerada tão importante que antecedeu bastante ao asfaltamento programado para a rodovia. Os técnicos do DER constataram ali o maior fluxo de veículos de toda a região. Só ônibus, há 14 diários para ir e 14 diários para vir. A estrada serve ao maior centro produtor de milho e outros cereais da chamada "lavoura branca". Toda a área ao sul do rio Ivaí é composta de pequenas propriedades. A densidade populacional é elevada. A arrecadação municipal apresenta o maior índice de crescimento em todo o Estado. Por isso, a balsa vai acabar.

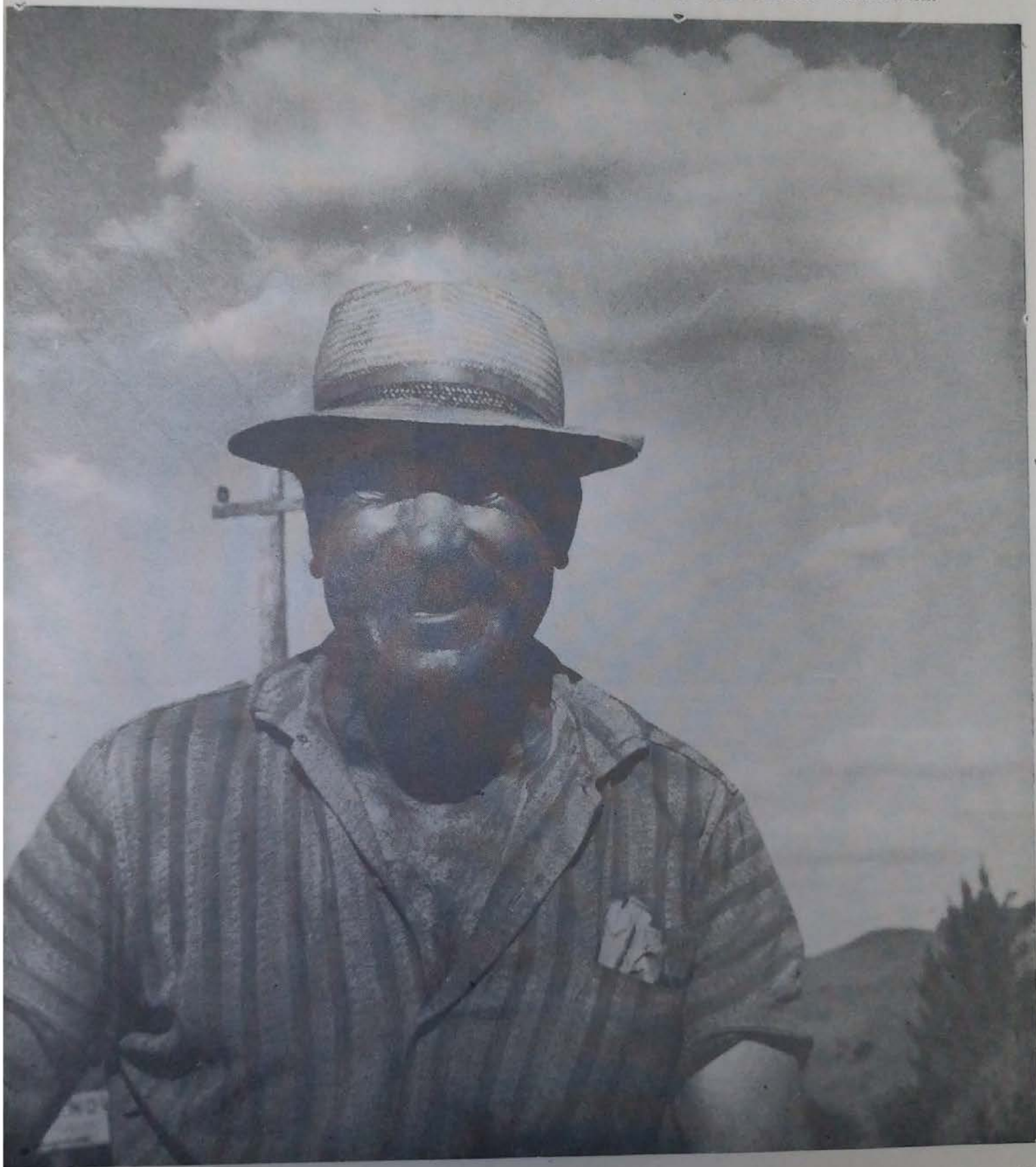
Os choferes e moradores acham que quem vai ficar triste com isso é o funcionário do Departamento de Portos e Vias Navegáveis, em Foz do Iguaçu, que periodicamente concedia licença para o dono da balsa aumentar o preço. Ele deve gostar muito dos dois — do dono e da balsa — para permitir aumentos tão freqüentes e tão elevados. Ou será que o dono é que mentia, será que não existe licença alguma, nem o homem de Foz do Iguaçu existe? Ninguém vai saber, porque a balsa vai acabar, talvez se mude para outro ponto qualquer, onde hajam duas pontas de estrada e gente querendo atravessar. Talvez afundem a balsa, como o dono dessa fez com a de um concorrente.

Seu negócio é tão bom que ele foi até o outro dono de balsa, fez a proposta de compra, comprou, recebeu a escritura — e afundou a outra balsa. É a lei da livre concorrência.

SEGUE



O napolitano Nicola Ferruccio, típico homem do Paraná, sorri cada vez que olha para a ponte sôbre o rio Ivaí que o govêrno estadual está construindo e que vai acabar com o transporte espoliativo à base de balsas. Seu sorriso será mais largo ainda dentro em pouco, quando a obra estiver concluída.





Há mais de 20 anos Napoleão Rothen constrói pontes. Mas nunca tinha encontrado um concorrente tão sério antes como a balsa do rio Ivaí. Sério e caro, pois os preços aumentam sem cessar. Por isso, Napoleão contempla satisfeito o panorama, do alto da ponte que está por terminar. Dia 15 de maio ele deixará o primeiro automóvel passar pela ponte. Sem pagar pedágio.

NAPOLEÃO O PANORAMA VISTO DA PONTE

Do alto da ponte, Napoleão Rothen, o engenheiro responsável pela obra, acha graça de tudo isso. Em setembro de 1965, quando chegou, sabia apenas que ia construir uma ponte importante, em concreto protendido, de 300 metros de extensão, orçada em 700 milhões de cruzeiros antigos. Não sabia da balsa, não sabia a história da morte por desgosto, nada. Simplesmente fez o que mandava o contrato: iniciou o trabalho, cumpriu os prazos, foi vendo a ponte crescer. Não é comum uma ponte em concreto protendido. Essa técnica que ainda não está sendo aplicada em todos os setores da engenharia civil. Mas sua firma, a Teagasa, tem boa tradição no ramo e foi escolhida.

Aos poucos, enquanto matava as saudades de Ponta Grossa, onde só pode ir correndo passar o fim-de-semana, Napoleão Rothen foi descobrindo a enorme importância daquela região e o incrível negócio que é a balsa.

— Melhor do que isso só ganhar na loteria.

Agora, o trabalho está quase pronto. Falta apenas o lance central e mais 20 dias para "curar" o cimento. Os carrinhos dos operários vêm e vão, trazendo mais concreto. Um outro aplica o vibrador para assentar bem a massa, sem deixar bolhas de ar dentro. Trabalhando há tanto tempo, ele sabe todas as histórias dos operários. Aquêlê alemão espigado, por exemplo, outro dia caiu no rio de 15 metros de altura. Nem sabia nadar, mas se salvou.

Ao lado, a balsa vai e vem. Vinte minutos para lá, vinte para cá. O moreninho que cuida das máquinas deve saber muitas histórias da balsa. Mas não está preocupado em contar. Preocupa-se com a ponte, que está crescendo, está quase pronta. E depois onde é que ele vai arranjar emprêgo?

O velho Nicola ri. A vida é bela e êle é napolitano.



Aqui foram gastos 25 mil sacos de cimento e empregado o trabalho de 40 homens durante quase dois anos. Esta é uma das primeiras pontes em concreto protendido executada no Estado. Com seus 300 metros, ela significa um importante passo para tornar fácil e rápido o acesso dos caminhões que transportam a produção da região de Ivaiporã até a Rodovia do Café.



PARANÁ (2 VEZES) CAPITAL DA PECUÁRIA

**CURITIBA E LONDRINA
FORAM O CENTRO
DE DECISÕES DA PECUÁRIA
NACIONAL EM MENOS DE UM MÊS.
O QUE POR SI SÓ BASTA
PARA TRADUZIR O IMPULSO
QUE O PARANÁ DEU NO SETOR**



Curitiba lembrou o Texas e o Brasil inteiro vibrou com o acontecimento (foto em cima). O momento culminante da Feira em Londrina (foto embaixo) foi a presença do Presidente Costa e Silva. Na ocasião fez pronunciamentos que levantaram o ânimo das classes produtoras, ainda que o assunto explosivo do café merecesse um comentário sóbrio e sem promessas, agora o reconhecimento de sua essencialidade na vida brasileira.

De repente o Paraná se transformou em Capital da pecuária brasileira. E' que em menos de um mês as mostras, de caráter nacional, de Curitiba e Londrina revelaram um milagre dos que só podem ocorrer em nossa terra: o surgimento de uma nova potência na produção animal, já ameaçando a hegemonia de outros Estados com maior tradição no setor.

Mais de um milhão de pessoas, nessas duas feiras, testemunharam o acontecimento, inclusive o presidente da República, marechal Costa e Silva, que participou na Capital do Café do encerramento da mostra lá realizada e que se constituiu na primeira visita do Chefe da Nação a um Estado brasileiro.

Em ambos os empreendimentos a marca inconfundível de uma transformação que se opera na estrutura econômica paranaense, caracterizada por um empenho sistemático e racional de diversificação, comandada pelo governo, através da Secretaria da Agricultura, e contando com o suporte de um empresariado que não aceita a rotina e que jamais perdeu a fé nas potencialidades do Estado e de sua gente.

Foram ambas as duas primeiras mostras de caráter nacional, a de Curitiba a 3ª regional e a de Londrina a 4ª. Sentiu-se que até nesses dois extraordinários empreendimentos está presente uma saudável emulação entre os dois principais polos urbanísticos e de desenvolvimento econômico do Paraná.

Se a de Curitiba teve mais brilho e pompa, a de Londrina, valendo-se do espírito empreendedor do homem do sertão, obteve bons resultados no que diz respeito à venda de animais. E como havia resistência a imposições fiscais na cobrança do ICM, o governador interveio para manter o nível dos negócios, atendendo os reclamos dos criadores interessados. Mas também nessa questão de leilões e vendas, Curitiba ganhou maior experiência e destaque registrando-se movimentação de centenas de milhares de cruzeiros novos, o que indica um início de reação. Já em movimentação de público e em número de atrações, a do Parque Castelo Branco, hoje considerado um dos mais perfeitos da América Latina, levou vantagem com o registro excepcional de mais de oitocentas mil pessoas, o que criou um mercado — transportes, alimentação, diversões, etc. — que acionou, direta ou indiretamente, mais de 1 bilhão e meio de cruzeiros antigos.

O fato é que o Paraná mostrou outra face de sua força imensa. E impressionou com suas duas capitais a todo o Brasil, explicando que a sua unidade está exatamente nesse tipo de competição que uma cidade de trinta e três faz com a sua capital histórica e na qual outras capitais se habilitam como Maringá que ainda não apagou as 20 velas do seu bólo de aniversário.



Em Londrina os maiores esforços couberam à Sociedade Rural do Norte do Paraná, dirigida por Omar Mazzei Guimarães. Mas a Secretaria de Agricultura teve destacada atuação em todas as fases do empreendimento.

TÉCNICOS VIRAM MILAGRE NO PROGRESSO PECUÁRIO

"O Paraná, em um tempo 'record', realizou prodígios no desenvolvimento de seus plantéis bovinos, principalmente de gado leiteiro, que num passado não muito distante eram pouco expressivos". Esta afirmação certamente não teria maior impacto se não partisse do Sr. Onofre Pereira de Carvalho, diretor da Associação Brasileira de Gado Holandês, e membro da Comissão Julgadora dos animais inscritos na Exposição-Feira "Governador Paulo Pimentel".

Essa opinião foi referendada, também, pelos demais integrantes do Júri, entre os quais os Srs. Walter Carvalho Miranda e Antonio Carlos Pinheiro Machado, respectivamente técnicos das Secretarias da Agricultura de São Paulo e do Rio Grande do Sul, corroborando a extraordinária evolução da bovinocultura paranaense nos últimos anos.

Uma percentagem relativamente diminuta de pessoas — dentre as 800 mil que visitaram neste ano a Exposição-Feira do Parque "Castelo Branco" — se apercebe da grande importância do certame e dos profundos reflexos que exercerá, a curto e longo prazo, sobre o desenvolvimento da pecuária estadual. Olhos presos no conjunto extraordinário de diversões que a mostra ofereceu, como as domas, rodeios e touradas, o grande público tende a encarar a Exposição como uma festa muito divertida, onde os animais são colocados apenas como mais um elemento de atração.

A verdade, porém, é bem diferente. Os criadores de todo o País que vieram à Exposição-Feira, os técnicos da Secretaria da Agricultura do Paraná e as pessoas com uma consciência mediana da problemática da pecuária, sabem que a mostra, mais do que festa,

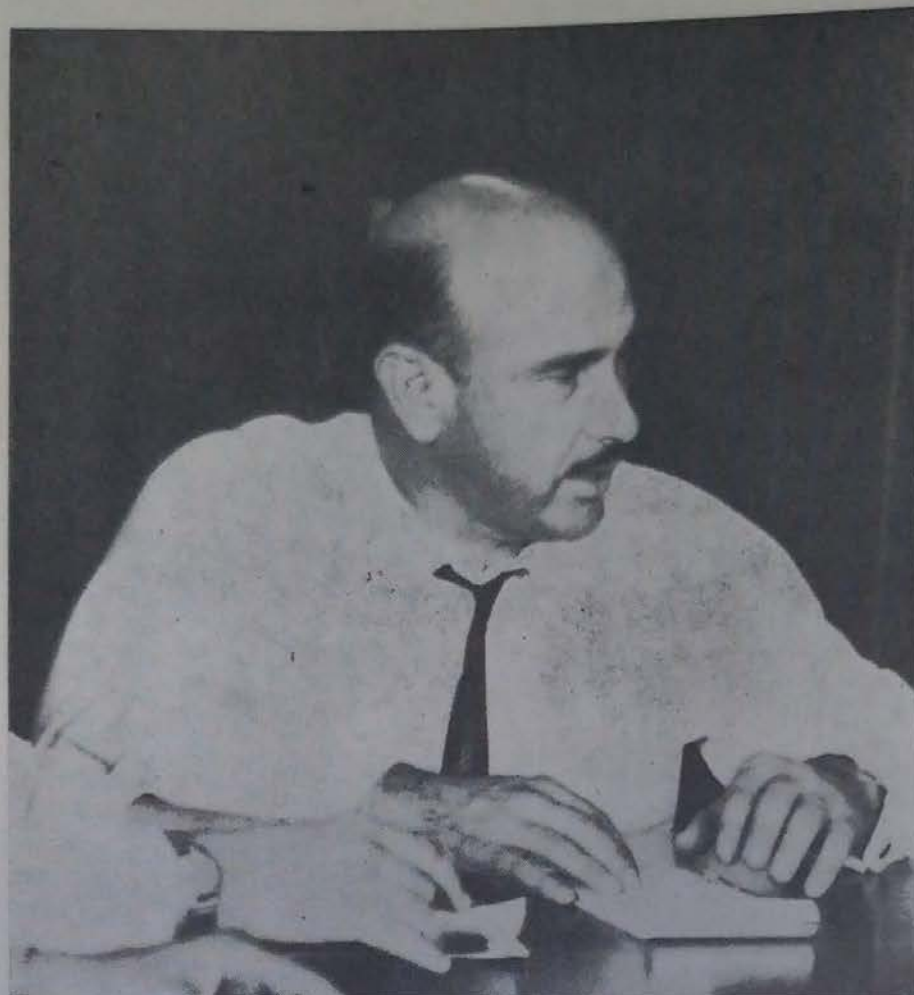
significa trabalho. Durante 9 dias o Parque "Castelo Branco" foi o centro de entendimentos e decisões que terão efetiva influência na condução do Estado ao objetivo de possuir um dos maiores plantéis animais do País.

META PRÓXIMA

O Paraná, entretanto, nunca esteve tão perto de se consagrar nessa condição, como agora. A grande arrancada desenvolvimentista que se observa em todos os seus setores de produção é assinalada de forma particularmente marcante na área da pecuária. Existe, nesse terreno, uma plena identificação govêrno-produtor, cujos frutos estão sendo recolhidos em prazo muito mais curto do que o previsto pelos técnicos.

SE GUE

OS RESULTADOS SURPREENDENTES DA POLÍTICA DE RENOVAÇÃO PECUÁRIA DEMONSTRARAM QUE O PARANÁ RECUPEROU A MÍSTICA DO TEMPO DE MANOEL RIBAS E FOI MUITO ALÉM



O sr. José Miró Guimarães, o comandante em chefe da operação que transforma os campos do Paraná.

Conforme os últimos levantamentos estatísticos, o Estado conta com um rebanho de 3.216.000 bovinos, 7.874.000 suínos, 674.000 eqüinos, 301.000 ovinos, 765.000 caprinos, 329.000 muare e 20.000 asininos. No setor avícola sua participação é das mais significativas, apresentando uma produção superior a 15.000.000 de aves. A apicultura encontra-se também muito desenvolvida, sendo o Estado o segundo produtor de cêra de abelha do País. O governo e os produtores estão porém cômicos de que não basta produzir quantidade. É preciso, também, que exista qualidade.

E, para tanto, muita coisa está sendo feita. O plano de aprimoramento dos rebanhos vem sendo executado com todo o rigor. Por esse programa, o governo, através da Secretaria da Agricultura, distribui aos pecuaristas reprodutores de raça, sem nada cobrar, exigindo apenas que, para cada exemplar que receba, o criador devolva outro, de baixa qualidade.

É nessa permuta que se resume toda a essência do programa: introduzir animais de elevados padrões zootécnicos, extraindo os de categoria inferior, responsáveis pela degenerescência do

rebanho. Trata-se, em última análise, de introduzir sangue nôvo nos plantéis e, paralelamente, proporcionar estímulos aos produtores para que passem eles a ter como preocupação básica a seleção dos animais.

Em 1966, as metas de plano de fomento à pecuária não só foram atingidas, como também superadas. Era prevista a distribuição de 1.000 reprodutores bovinos e 1.100 suínos. Entretanto, quando, no dia 31 de dezembro, o Secretário da Agricultura, José Miró Guimarães, encerrou as distribuições, haviam sido entregues 1.200 reprodutores bovinos (principalmente das raças "Nelore" e "Gyr") e 1.450 suínos (das raças "Duroc-Jersey" e "Wessex").

Essas atividades, juntamente com um nôvo critério assistencial implantado — à assistência direta (os técnicos da Secretaria da Agricultura vão aos pecuaristas para ouvir seus problemas e fazer-lhes sugestões) — formaram no criador paranaense uma mentalidade mais evoluída, tornando-o um homem compenetrado de que produzir muito não é suficiente; é preciso também produzir melhor.

Mas não se esgotam aí as atividades do governo. A Secretaria da Agricul-

tura vem fomentando a piscicultura em larga escala, estimulando a formação de tanques artificiais nas fazendas e distribuindo exemplares de tilápias, peixe que, pela sua produtividade e precocidade, é um dos mais aconselhados para a criação doméstica. O peixe é alimentação barata e rica em proteínas, razão pela qual o plano está alcançando uma repercussão muito além da que era prevista. E, quem visitou o Parque "Castelo Branco", conheceu o Centro Técnico de Avicultura, que deverá ficar concluído até o mês de agosto. A Secretaria da Agricultura, com o aviário gigante que ali está sendo instalado, terá condições de produzir 100.000 pintinhos por mês; todos das melhores raças, para distribuição entre os avicultores do Estado, como medida de incentivo a esse setor de produção.

RAZÕES DA EXPOSIÇÃO

Sintetizando tudo o que se fez no Paraná, em termos de melhoria dos rebanhos animais, a Exposição-Feira "Governador Paulo Pimentel" simbolizou a confraternização entre os Cria-

dores dos diferentes Municípios que nela apresentaram os resultados do seu trabalho.

Mas, além, disso, ela marca, pela primeira vez, a participação do Paraná no cotejo com os criadores de outros pontos do País, pois a sua extensão ao âmbito nacional possibilitou que os mais categorizados criadores brasileiros viessem até Curitiba mostrar plantéis de elevado gabarito zootécnico. Daí, razões da promoção anual da Secretaria da Agricultura paranaense, objetivando a propiciar intercâmbio de conhecimentos entre os pecuaristas deste Estado e de outras unidades da Federação, bem como facilitar a troca ou aquisição de exemplares animais de alta qualidade, através dos leilões com financiamentos pela rede bancária. Por outro lado, conforme opinião do técnico Antonio Carlos Pinheiro Machado, da Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul, a Exposição-Feira "Governador Paulo Pimentel" proporcionou "um estímulo excepcional aos criadores de todo o País, oferecendo, também, uma oportunidade para que os técnicos dos diferentes pontos do território nacional possam discutir problemas comuns e assimilar conhecimentos que lhes serão de grande utilidade.

Canguiri, Uma Atração Permanente

Após o sucesso da Feira, as autoridades planejam a forma mais adequada de explorar o Canguiri como centro permanente de recreação e local de amostra dos excelentes plantéis da Secretaria da Agricultura que tanto na Capital como em Londrina mereceram consagração. É que a feira mostrou o óbvio: a potencialidade do empreendimento e do local como atrativo para turismo e recreação. Dentro em breve estará concluído o estudo de aproveitamento permanente e com isso uma nova frente de recreio — numa área tão carente de pontos de visitação (dada a sa-

turação dos pontos existentes como os da Serra do Mar, praias, Vila Velha, Campos Gerais, grutas do Vale do Ribeira) — será aberta com vantagens reais para todos e dando suporte melhor a Curitiba como centro estratégico de turismo no sul do Brasil.

Há preocupação em fazer com que o recreio seja de tal forma que a pecuária constitua a motivação básica, o que visa manter viva a consciência do problema e ganhar adeptos entusiastas e participantes do programa de diversificação econômica.

Vários técnicos nacionais não hesitaram em considerar a Feira da Capital como uma das mais fabulosas do Brasil.





Nesta área de 545 alqueires, colonizada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná existem hoje mais de cem cidades.

Aqui é gerada uma renda equivalente à quase metade do total da renda paranaense. Pelo menos 48,6% dos depósitos bancários efetuados no interior do Estado são registrados nesta região. Que abriga hoje mais de 1,5 milhão de pessoas, registra um dos índices de renda «per capita» mais elevados de toda a America Latina e se constitui, sob qualquer ponto de vista, no mais atraente local para novos investimentos. Prova disso é o crescimento de seu parque de indústrias de transformação de produtos primários e a concentração demográfica cada vez maior que apresenta.

NORTE, ODISSÉIA E MILAGRE

Eram 545 mil alqueires de terra fértil mas deserta, a maior parte limitados pelos rios Tibagi e Ivaí, até o arroio Caiuá. O mundo emergia da 1ª Grande Guerra Mundial e as esperanças de melhores oportunidades para trabalhar num clima de paz e tranqüilidade tomavam conta de todos os espíritos.

O Brasil esquecia o velho Continente europeu e voltava-se para o Interior, à procura dessa oportunidade e dessa tranqüilidade. E descobriu o Norte do Paraná.

Logo após a construção da estrada de ferro ligando Ourinhos a Cambará, obra projetada e construída pelo engenheiro Gastão Mesquita Filho, em 1925, a Companhia de Terras Norte do Paraná, subsidiária da «Paraná Plan-

tation Ltd.», da Inglaterra, adquiriu do Governo do Estado e de numerosos posseiros a maior parte daquela terra fértil, mas inexplorada. Mas adquiriu cuidadosamente: todos os títulos foram examinados por um grupo de advogados chefiado por Antônio Moraes Barros para evitar futuras questões. Houve casos de a mesma terra ser paga duas ou três vezes: pelo título outorgado anteriormente pelo Estado, pelos títulos de concessionários e pela posse pertencente a moradores do lugar. A Companhia assim impediu o surgimento futuro de qualquer dúvida sobre a legitimidade de seus títulos. E hoje um simples recibo de pagamento da prestação de um pedaço de terra basta para o comprador obter financiamentos até em estabelecimentos oficiais.

AÇÃO DA MELHORAMENTOS REVELA QUE O ESTATISMO SÓ AGRAVA A QUESTÃO AGRÁRIA

Com a 2ª Grande Guerra, a Inglaterra foi obrigada a vender muitas propriedades no exterior — inclusive a Companhia de Terras Norte do Paraná, hoje Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. A empresa foi comprada por um grupo paulista, liderado por Gastão Vidigal e Gastão Mesquita Filho. Os empresários brasileiros assumiram a posse de 515 mil alqueires — outros 30 mil foram comprados posteriormente — onde estavam cidades em rápido desenvolvimento, como Londrina, Cambé, Rolândia, Apucarana e outras.

E prosseguiram o plano realizador dos ingleses, cuja idéia central era a venda em pequenos lotes, de 5, 10, 15 alqueires, todos servidos por estrada de rodagem, com acesso a um manancial e com terras altas próprias para o plantio de café. As vendas continuaram sendo a prazo, com entrada de 30% e o restante em quatro anos, a juros de 8% ao ano. Paralelamente, realizavam uma política de urbanização mais intensa, alterando os planos originais, que previam cidades de no máximo 20 mil habitantes. Ao lado das estradas, a Companhia cuidou de proporcionar energia e instalar pequenas indústrias, como fábricas de cimento e de açúcar.

Foram 65 os patrimônios constituídos desta forma, respeitando sempre um critério urbanístico moderno, e rodeados de pequenas chácaras que proporcionam o abastecimento da cidade, formando o seu «cinturão verde». Desta forma, a região progrediu e, vinte anos depois, transformou-se na maior produtora de café do mundo.

Foi um empreendimento inspirado nos princípios da iniciativa privada, ao qual geralmente faltou apoio oficial. Por isso, sua consolidação é uma prova e um exemplo. Prova de que as

medidas estatizantes não funcionam nem têm significado prático no Paraná e no Brasil de hoje. Exemplo a ser seguido pelos governos, cuja interferência na questão agrária só trouxe prejuízo para os países do leste europeu e só trouxe agitação para algumas regiões do Brasil.

A força do Norte do Paraná está no poder da empresa privada e na vontade de vencer dos homens e mulheres que acreditaram num futuro melhor. E este futuro veio mais cedo do que esperavam, graças à impressionante fecundidade da terra. Veio não só para o Norte, mas para Curitiba que, graças ao café é hoje uma das mais modernas e importantes capitais brasileiras. Veio para Paranaguá, que de porto inexpressivo passou a maior exportador de café do mundo e responsável pelo maior saldo em divisas arrecadado pelo Brasil.

Maringá, que completa 20 anos de existência como terceira mais importante cidade paranaense, e que, entre todas, apresenta um dos índices de desenvolvimento mais elevados, tornou-se quase um símbolo de tudo o que os colonizadores esperavam da região Norte: desenvolvimento, bem-estar social, tranqüilidade e amplas possibilidades de enriquecimento.

A história dos colonos que ocuparam a tornaram esta região a mais produtiva do País é quase sempre a mesma. Chegavam de São Paulo, de Minas, do Nordeste principalmente, em ônibus e caminhões «paus-de-arara», munidos apenas de coragem e vontade de possuir seu próprio quinhão de terra. E logo se engajavam no trabalho rude mas bem pago da derrubada da selva para plantação de cafeeiros. Dentro de algum tempo, conseguiam reunir o suficiente para dar entrada num pe-

queno lote — de 5, 10 ou 15 alqueires. Procuravam o escritório da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná e escolhiam seu pedaço de terra rixa, pagando 10% do valor para assegurar a posse. Outros 20% seriam pagos dentro de sessenta dias, na assinatura do contrato de compromisso.

Aí era só plantar e colher. Os lotes todos tinham um pedaço de terra baixa, com aguada para os animais, e a parte alta, própria para o plantio de café. Eram ligados ao centro urbano por estrada de rodagem construída pela própria Companhia. No fim daquele ano, o colono pagaria mais 10% do valor da terra e, nos três anos seguintes, 20%. Tudo com juros que não ultrapassaram nunca 8% ao ano.

Foi este plano, simples e eficiente, que proporcionou a milhares de assalariados que não tinham de seu nada mais do que a férrea vontade de possuir sua própria terra, tornarem-se a comunidade de maior renda «per capita» em todo o País. Não eram mais meeiros ou parceiros os que ali viviam; eram donos da terra, senhores dos lucros, exemplos de como pode medrar a idéia da livre empresa no solo fértil do Norte do Paraná.

Foram os primeiros e grandes responsáveis pela implantação de uma verdadeira reforma agrária no setentrião paranaense. Uma reforma racional e democrática, que trouxe prosperidade e tranqüilidade para o Paraná e para o Brasil. Até hoje, a propriedade média na área colonizada pela Companhia Melhoramentos não passa de 14 alqueires. O intenso tráfego nas rodovias mostra a grande produtividade desses sítios e fazendas e, também, a ótima densidade demográfica da região — 123 habitantes por quilômetro quadrado.

SEGUE



Lord Lovat



Arthur Thomas



Antônio Moraes Barros



João Sampaio

A um grupo de esclarecidos empreendedores ingleses e brasileiros deve o Paraná a obra colonizadora da região mais rica do Estado. No começo, eram apenas os organizadores da «Brazil Plantations Ltd.», «sir» Frederick Eckstein, general Arthur M. Asquith, Edward Greene, «sir» Alexander McIntyre, Percy Horsfall e «lord» Simon Lovat. Entusiasmados com as possibilidades do Norte paranaense, decidiram fundar a Companhia de Terras Norte do Paraná, cuja direção foi entregue a personalidades como Erasmo de Assumpção, Antonio Carlos de Assumpção, João Sampaio, Charles Murray e Antonio Moraes Barros. Como diretor-gerente ficou A. H. M. Thomas e para o escritório de São Paulo foi Gordon Fox Rule.

Foram esses homens que conceberam o plano de colonização e superaram as dificuldades decorrentes de litígios existentes, através de entendimentos com o governo do Paraná e com os posseiros existentes na região. Depois de comprar todos os títulos de domínio inseguros e as posses referentes à área de 515 alqueires, a Companhia rasgou-os e adquiriu-os novamente do Governo do Paraná, ao preço de lei. Daí, pôde oferecer à venda títulos absolutamente seguros que nunca, em qualquer circunstância, foram postos em dúvida por quem quer que seja. Essa legalização da terra contou com a assistência jurídica de advogados do porte de Antonio Moraes Barros e João Oliveira Franco e com a colaboração de todos os governos paranaenses.

INGLÊSES E BRASILEIROS MOSTRARAM O MAPA DA MINA



Willie Davids

E as cidades foram nascendo. Londrina, com a infatigável labuta de Willie Davis e mais tarde de Aristides de Souza Melo. Outras, com o trabalho dos brasileiros que adquiriram a Companhia de Terras Norte do Paraná em 1943. O grupo adquirente era liderado por Antonio Moraes Barros, Gastão de Mesquita Filho, Gastão Vidigal. A eles se uniram Cassio Vidigal, Fabio Prado, Silvio de Bueno Vidigal. O diretor-gerente foi Arthur Thomas, que ficou até 1949 no cargo, passando-o a um homem que se impôs aos companheiros pelas suas inegáveis qualidades de administrador objetivo e arrojado: Hermann Moraes Barros.

Outros nomes se juntam a esses grandes vultos da colonização do Norte paranaense: Wladimir Revensky, Eugenio Larionoff, Boris Kilschew, Alfredo Werner Nyffeler, Walter Gramer, Charles E. Nrebery, Attilio Santonito, Waldomiro Babkov, Hélio Jarreta, Orlando Gonçalves Noronha, Nivaldo Ferreira Gandra, Artemio de Castro, Luiz Estrela e Wilson Varela.

Em 1951, a empresa passou a chamar-se Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, ao mesmo tempo que outra geração de jovens iniciava suas atividades na administração. Entre outros, salientam-se Gastão Mesquita Neto, Paulo Moraes Barros Neto, Manoel Mendes Mesquita, Anibal Bianchini da Rocha, Pedro Garcia de Abreu e Rubens Mendes Mesquita.



Gastão de Mesquita Filho



Gastão Vidigal



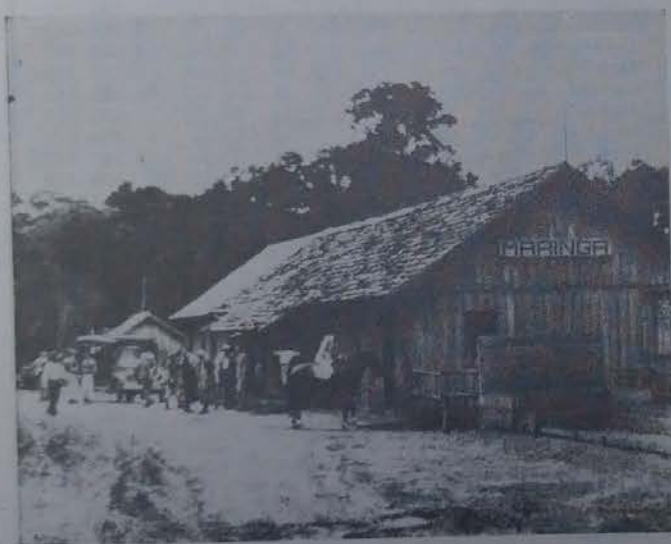
Cássio Vidigal



Hermann Moraes Barros



Em cima, o acampamento em que os técnicos da Companhia Melhoramentos, então Companhia de Terras Norte do Paraná passaram das plantas para o terreno aquilo que seria Maringá. Até hoje, o plano de urbanização executado é um dos mais perfeitos do Brasil. Houve um grande senso de perspectiva do futuro quando se preparou a cidade para receber 200 mil habitantes, multiplicando por dez aquilo que tinha sido previsto para Londrina. O hotelzinho da foto embaixo serviu de moradia aos primeiros que acreditaram num sonho chamado Maringá. Era gente que vinha de todos os pontos ver a terra e escolher seu quinhão. Se Maringá fosse suficientemente velha para ter monumentos históricos, ele seria um deles.



ENTRE CIDADES COGUMELOS A METRÓPOLE A CADA 100 KM

O desenvolvimento e a elevada densidade demográfica das cidades existentes na área da Companhia Melhoramentos foi conseguido graças a uma inteligente política de construção de cidades. Uma grande cidade de 100 em 100 quilômetros, cidades de médio e pequeno tamanho fazendo a interligação. As

vêzes, encontram-se cidadezinhas que parecem ter unicamente a rua principal, toda ela com casas comerciais. São as cidades destinadas a oferecer os bens de consumo exigidos pela população rural que vive numa área de 8 a 10 quilômetros ao redor.

Hoje, a linha de crescimento está bem assinalada nos mapas. Depois das cidades mais antigas, como Londrina e Apucarana, vêm Maringá, Cianorte, Umuarama. De 100 em 100 quilômetros uma grande cidade. E grande cidade em todos os sentidos, porque Maringá tem 14 milhões de metros quadrados de área urbana, Cianorte tem 18 milhões, Umuarama 8 milhões, enquanto Londrina, planejada há mais tempo, ficou nos 3 milhões, incluindo o Bairro Boa Vista.

Aqui estão as cidades do progresso:

Denominação	Área Ml.2	Categoria
Água Boa	503.975,00	Distrito
Apucarana	2.112.660,00	Comarca
Arapongas	2.282.500,00	Comarca
Aricanduva	310.970,00	Distrito
Astorga	239.580,00	Comarca
Atalaia	391.072,00	Munic.
Aquidaban	229.300,00	Distrito
Barão de Lucena	399.571,70	Distrito
Belém	29.040,00	Patrim.
Bom Sucesso	210.540,00	Munic.
Cambé	1.458.300,70	Comarca
Cambuí	245.015,00	Distrito
Cruzeiro do Sul	741.200,00	Munic.
Dr. Camargo	566.368,00	Munic.
Floraí	400.510,00	Munic.
Flórida	798.600,00	Munic.
Guadiana	708.087,24	Patrim.
Heimatal	300.413,24	Distrito
Iguatemi	264.781,00	Distrito
Inajá	693.210,50	Munic.
Pres. Castelo Branco	234.740,00	Munic.
Itacolony	314.000,00	Distrito
Ivaínta	170.199,00	Distrito
Jandala do Sul	1.839.200,00	Comarca
Lobato	480.370,00	Munic.
Londrina c/ Bairro B. Vista	3.250.196,43	Comarca
Mandaguari	2.522.712,41	Comarca
Maringá	14.633.471,20	Comarca
Maristela	536.434,00	Distrito
Mariaiva	1.482.453,60	Comarca
Marumbi	486.420,00	Munic.
Nova Esperança	2.719.936,00	Comarca
Paissandu	992.670,00	Munic.
Pirapó	454.715,16	Distrito
Rolândia	2.000.301,70	Comarca
Sabaudia	585.640,00	Munic.
São João do Caiuá	1.303.212,00	Munic.
Santo Antonio do Caiuá	521.670,00	Munic.
São Pedro	79.860,00	Patrim.
São Jorge	387.200,00	Munic.
Sarandi	584.605,68	Distrito
Sumaré	416.148,00	Distrito
Uniflor	342.040,00	Munic.
Valência	245.711,20	Patrim.
Warta	68.533,75	Patrim.
Abelha	274.770,00	p/ abert.
Cianorte	18.646.144,00	Comarca
Igaritê	245.063,00	Patrim.
Indianópolis	735.813,00	Distrito
Japurá	481.633,00	Munic.
Jussara	1.360.040,00	Munic.
Marabá	335.197,00	Patrim.
Malú	433.220,00	Distrito
São Lourenço	392.040,00	Patrim.
São Tomé	633.251,00	Munic.
São Manoel	226.531,00	Patrim.
Terra Boa	2.345.612,00	Munic.
Tuneira D'Oeste	274.239,40	Munic.
Vidigal	429.491,00	Distrito
Umuarama	8.020.300,00	Comarca
Loyat	386.650,00	Distrito
Perobal	580.600,00	Distrito
Cedro	170.800,00	Patrim.

SEQUE



Em todas as cidades que construiu, a Companhia Melhoramento destinou um grande espaço para a conservação da selva e a criação de novos tipos de arbustos. Em cima, o Horto Florestal de Maringá, uma das mais bonitas atrações da cidade e de onde saem as mudas para a arborização das belas praças e ruas de Maringá. Onde as terras não interessavam aos futuros cafeicultores, a Companhia Melhoramentos instalou fazendas e criações próprias, tornando-se também pioneira da nova pecuária paranaense. Embaixo uma das fazendas destinadas à criação de gado indiano, situada à margem do rio Paranapanema.



QUASE METADE DOS DEPÓSITOS BANCÁRIOS NA ÁREA COLONIZADA

Nada cresceu tão rapidamente, nem com tanta intensidade, como a região colonizada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Nem tantos tiveram tantas oportunidades de enriquecimento. Este espantoso ritmo de progresso não sofreu qualquer alteração desde que foram construídas as primeiras cidades. Continua, já agora na fase da consolidação econômica e da implantação industrial.

Para verificar a excepcional situação das cidades citadas nessas 545 mil alqueires de terra rixa basta verificar os depósitos bancários. Conforme publicação do Departamento Estadual de Estatística, o volume de depósitos em 30 de novembro do ano passado, em agências bancárias funcionando em 49 cidades da área colonizada pela CMNP (117 bilhões de cruzeiros velhos), representam 48,6% do total dos depósitos existentes naquele mês nas duzentas cidades servidas por bancos no interior do Estado (240 bilhões). Praticamente metade, embo-

ra a população represente no máximo 20% do total dos paranaenses, segundo as estimativas dos órgãos estatísticos.

Mais impressionante ainda é a situação daquelas 10 cidades que primeiro foram atingidas pela rodovia asfaltada, em apenas 100 quilômetros de estrada no trecho Londrina-Maringá. Ali, em dez cidades (Londrina, Cambé, Rolândia, Arapongas, Apucarana, Cambira, Jandaia do Sul, Mandaguari, Marialva e Maringá), estão TRINTA E CINCO por cento do total dos depósitos feitos em todo o interior do Paraná.

Eis a relação das cidades e do volume de depósitos:

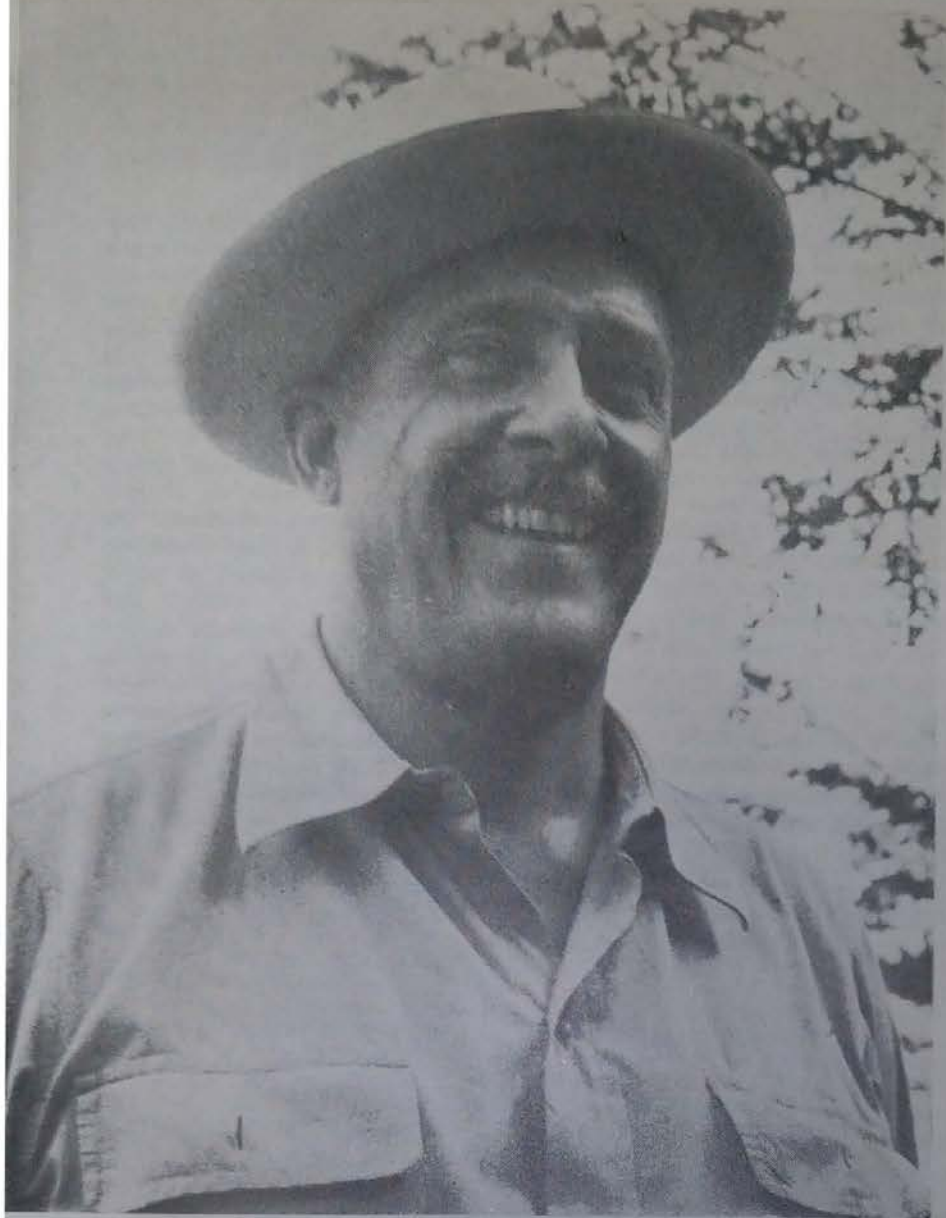
Cidades	Saldos em Cr\$ 1.000
Alto Paraná(*)	748.341
Apucarana	6.982.975
Arapongas	6.767.460
Astorga	2.712.845
Atalaia	227.150
Barão de Lucena	81.985
Bom Sucesso	493.033
Califórnia(*)	172.444
Cambé	4.878.291
Cambira(*)	325.922
Cianorte(**)	2.962.290
Cruzeiro do Sul	106.741
Doutor Camargo	406.297
Floraí	970.080
Floresta(*)	149.944
Iguaraçu(*)	211.023
Indianópolis	108.005
Itambé(*)	515.681
Ivatuba(*)	379.096
Jandaia do Sul	1.937.338
Japurá	789.997
Jussara	442.638
Kaloré(*)	238.220
Lobato	217.520
Londrina	34.328.578
Malu	241.786
Mandaguari(*)	1.529.625
Mandaguari	2.635.497
Marialva	2.131.740
Maringá	23.496.541
Maristela	75.019
Marumbi	623.995
Nova Esperança	3.942.922
Ourizona(*)	468.370
Paçandu	465.817
Paranacity(*)	361.235
Pitangueiras(*)	164.342
Pres. Castelo Branco	85.634
Rolândia	4.805.169
Sabáudia	204.387
São João do Caiuá	526.837
São Jorge	1.076.767
São Manoel	97.810
São Martinho(*)	376.330
São Pedro do Ivaí(*)	605.864
São Thomé	624.475
Sarandi	108.348
Terra Boa	1.478.685
Umuarama(**)	3.612.728
TOTAL	116.893.817

Total geral dos depósitos no Paraná, em 30 de novembro	457.178.269
Menos: depósitos em Curitiba	216.693.660
Total geral dos depósitos do interior	240.484.609
Depósitos de 49 cidades da área da CMNP (48,6%)	116.893.817

Depósitos de outras 151 cidades do interior 123.600.792

(*) — Cidades fundadas por particulares na área colonizada pela CMNP.

(**) — Nessas cidades (Cianorte e Umuarama) não estão computados os depósitos do Banco do Brasil, por não terem suas agências enviado ao DEE os dados necessários.



Hermann Moraes Barros, diretor da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, homem de extraordinária visão e arrojadas iniciativas diz que a grande metrópole não seria construída se não fosse a confiança dos que acreditaram no projeto nascente. "Se não fosse esta confiança, se não fosse a coragem dos pioneiros que aqui vieram se estabelecer, em 1947, em ruas ainda cercadas de mato, nada teria sido feito. Tivemos a fortuna de lançar a semente, de planejar o canteiro para essa semente vicejar. Mas o braço trabalhador, o braço da livre iniciativa, os homens e mulheres que para cá vieram com coragem e confiança — eles é que fizeram de Maringá o que é hoje".

"Aqui se fez Reforma Agrária"

Na outra sala está um homem que nasceu para a liderança. É como todos o definem em Maringá e ao longo daqueles 545 mil alqueires colonizados pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. «Ele tem uma visão excepcional do futuro», explicam os homens de empresa, os líderes do comércio e da indústria de Maringá ao justificar alguma de suas decisões sobre novos investimentos. Poucos os que não sentiram essa liderança, nem foram contagiados com o entusiasmo e o amor que este pioneiro-maior dedica ao Norte do Paraná.

Daqui a pouco ele estará aqui, concedendo os 45 minutos que reservou para falar sobre esta magnífica realidade que é a colonização da Companhia Melhoramentos, comentar seu futuro, que ele parece contemplar a todo instante nas novas construções, na implantação de indústrias, no crescimento demográfico e econômico incessante.

Hermann Moraes Barros está aqui. Não é um visionário. Suas palavras inspiram confiança e segurança. É apenas um homem que tem fé na iniciativa privada, no pleno desenvolvimento de uma terra livre, habitada por homens livres, sob a égide da livre empresa. É isso que ele sempre diz, é isto que faz o Norte do Paraná crescer mesmo nas circunstâncias mais adversas. E não se abater nem quando todo o resto do País mergulha na crise mais desesperadora.

SEGUE

«A LEI AGRÁRIA É ESPANTALHO NOS CAMPOS»

“Nós ainda temos o que fazer por aqui, mas o que já está feito é um sucesso que não é preciso lembrar, porque está à vista de todo o mundo” — diz Hermann Moraes Barros, diretor da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná e um dos responsáveis diretos pela ocupação territorial da região. “Já estudei e encaminhei projetos para a execução de plano idêntico na Amazônia e se não está ainda sendo executado é porque os governos não foram capazes de resolver. Agora tudo ficou mudado diante da nova legislação agrária. O estatuto da terra estabeleceu uma intervenção estatal tão intensa que impede o exercício da livre iniciativa e transforma as empresas colonizadoras em meras agências do governo. Enquanto esta lei perdurar, acho que a colonização e o loteamento particular no Brasil vão desaparecer.”

“A lei agrária foi idealizada dentro de um princípio único para todo o

país. Mas o Brasil é um país-contenente, onde existem os climas mais variados e a maior diversificação de qualidade das terras que se conhece no mundo. Não é possível numa só lei pretender abranger e atender todas estas regiões. Aqui mesmo, no Norte do Paraná, onde há uniformidade de terra, num lotinho de dez alqueires, no espigão planta-se café e na beira da água o pasto. Invertendo as coisas, o café não crescerá direito e no pasto não haverá água para os animais beberem. Imagine-se, então, uma legislação que pretende indicar até aquilo que se deve produzir em cada pedaço de terra. É uma lei socialista, feita por teóricos, que copiaram de países da Europa Central, todos fracassados na reforma agrária. E agora, 20 anos depois, o Brasil pretende seguir este exemplo frustrado. Vou citar apenas um exemplo da ineficácia da lei: na questão da parceria e do arrendamento, os artigos 95 e

96 do estatuto da terra, lei 4.504, estabelecem preço de arrendamento e percentagem de parceria iguais para culturas diferentes e para regiões diferentes. As parcerias são iguais para uma plantação de feijão e para uma plantação de café, que é uma cultura permanente. Sabemos que o café leva quatro anos para produzir. E durante esse tempo, o proprietário investe somas vultosas no trato da lavoura. Como poderá dar ao trabalhador que só entra na fase da produção uma parceria igual à de uma cultura de feijão, que dura apenas quatro meses? Isso é o desconhecimento completo da realidade agrícola no Brasil. O que se percebe na lei agrária é que seus autores eram homens muito impressionados com o problema do nordeste. E que fizeram a lei pensando unicamente em termos de nordeste. Percebe-se claramente os dispositivos feitos para evitar aquela escravização do homem que pode existir no Nordeste, mas que aqui não existe.”

«A VENDA EM PEQUENOS LOTES ATENDIA UMA NECESSIDADE URGENTE DA ECONOMIA DA NAÇÃO»

“Veja-se, agora, o exemplo correto, que corresponde às necessidades econômicas de uma determinada região. Quando a Companhia Melhoramentos iniciou suas vendas, traçou um plano que tinha em vista o pequeno colono, aquele que, em condições normais, não teria jamais condições de se transformar em proprietário, porque não existiam pequenos sítios e pequenas áreas para ele comprar. Nós lhe demos as pequenas áreas de que ele carecia naquele momento. É verdade que isso só foi possível nesta terra maravilhosa do Norte do Paraná. A pequena propriedade permitiu que centenas ou milhares de sitiantes plantassem, colhessem, amalhassem, comprassem mais terras, enriquecessem. Então, foi vitoriosa a idéia da Companhia de venda de pequenos lotes, porque aquilo atendia uma necessidade urgente da economia da

Nação. E nós vendemos mais de 50 mil lotes, e eles foram subdivididos em mais outros 50 mil, tal a demanda. Isto produziu tanta riqueza que só na nossa área estão 63 cidades fundadas pela Companhia e cerca de 50 fundadas por terceiros. Aqui vivem 1.500.000 habitantes e a densidade é de 123 habitantes por quilômetro quadrado. Aqui é gerada a maior renda federal, estadual e municipal de que se tem notícia no País. Mas, as mesmas leis econômicas que determinaram, naquela conjuntura, a formação de pequenos lotes, continuam a atuar aqui. E nas terras do arenito, já se processa nitidamente um movimento de aglomeração, plantando capim e transformando a terra em ótimas pastagens. Sem intervenção de ninguém, sem governo, sem taxas especiais, sem nada. Ao sabor das leis

econômicas. Só elas comandam o progresso e a diversificação de produção de uma determinada área. Todas as vezes que os governos esquecem estes princípios e estas leis imutáveis — a principal delas é a da oferta e da procura — eles fracassam e diminuem a produção.”

“A regra e o exemplo podem ser encontrados aqui, como em outros pontos do Brasil. Vejam o que aconteceu ao redor da cidade de São Paulo. Ali as terras se subdividiram onde deviam se subdividir, se aglomeraram onde deviam se aglomerar. Ali existe a mais adiantada agricultura do país, ali não há analfabetos, nem problemas de saúde. E eu, expondo isto ao ex-presidente Castelo Branco perguntei a ele: Vossa Excelência conhece o autor desta lei? Quem fez isto ao redor de São Paulo? Ele ficou me olhando sem

saber responder e eu mesmo respondi: Foram as leis econômicas, presidente, foi a lei da oferta e da procura. A cidade de São Paulo, um centro vo-

ráz de consumo, tornou boas as terras ruins de Jundiá, tornou boas as terras ruins de Suzano. Com os fertilizantes, com a técnica, elas passaram

a produzir tudo quanto se quizesse. Ali, meio alqueire de terra tornou ricas muitas famílias e a seus filhas também."

«SAIR DO ABISMO PARA OS PÍNCAROS É ROTINA NA TERRA DOS FORTES»

"Devemos reconhecer, todavia, que os fatores políticos regionais podem acelerar ou prejudicar a colonização. Veja-se a subdivisão das unidades municipais, com a criação de novos municípios. Em muitos casos, representaram progresso, pois atendiam a uma necessidade real de emancipação econômica. Mas em muitos outros foram criados municípios apenas para atender pequenas questões pessoais. Municípios com áreas muito pequenas, sem recursos, sem condições de progredir, que hoje se arrastam num problema terrível."

"Agora, quando as necessidades da economia se unem ao entendimento e à compreensão política, então temos resultados excepcionalmente bons. Um exemplo dessa identificação é Maringá, sem dúvida a cidade que mais rapidamente se firmou, que mais depressa progrediu. E progrediu porque a Companhia, com a experiência da de Londrina, pôde corrigir alguns aspectos

da planificação geral. Por iniciativa do dr. Cassio Vidigal e do dr. Gastão de Mesquita Filho, foi esboçada a idéia de uma cidade zoneada, totalmente planificada, prevendo um futuro de 50 anos na frente.

O urbanista Jorge Macedo Vieira, discípulo do dr. Prestes Maia, executou o plano que vemos hoje coroado de pleno sucesso."

"É conveniente fazer um reparo sobre o assunto: não é possível fazer comparações entre a planificação de uma cidade e de outra. Elas foram criadas em períodos diferentes, para atender necessidades diversas. Londrina foi feita pelos ingleses para ter 20 mil habitantes, em 1929, quando era proibido plantar café no Brasil. E só depois de cinco ou seis anos é que o mundo e o Brasil saíram da depressão de 1929 e a economia começou a reagir. Tanto é que os primeiros colonizadores trazidos pela Companhia

eram estrangeiros, na maioria foragidos da guerra de 1914/18. No Brasil não havia ânimo para nada. É compreensível que a proibição de plantar café, aliada à depressão, à falta de transporte aéreo, à deficiência e, em alguns casos, absoluta precariedade dos transportes terrestres, justificassem o planejamento de uma cidade para 20 mil pessoas. Assim mesmo, tratava-se de um plano audacioso, largamente projetado no futuro. Dez anos depois, a situação mudou e veio a explosão demográfica, o início do surto migratório. É que os ingleses não estavam acostumados com as mudanças brasileiras. Nós aprendemos que o Brasil é um país que sai do fundo de um precipício e passa para o píncaro de uma cordilheira em meses, às vezes. Este é o fenômeno da terra nova, este é o fenômeno da América a que o estrangeiro dificilmente se acostuma a não ser depois que se radica aqui por muito tempo."

NA ORAÇÃO AOS JOVENS HERMANN INCLUIRIA UM APELO PARA O NORTE

"De qualquer forma, é preciso notar que o plano de colonização feito pelos ingleses que administravam a Companhia está sendo mantido até hoje em todos os seus detalhes. O único ponto em que houve modificação foi no planejamento de grandes cidades, distantes aproximadamente 100 quilômetros uma da outra, que é a distância que a experiência nos ensinou ser necessária para que duas cidades não façam concorrência entre si."

"Hoje, o Paraná e a região Norte em particular apresentam um aspecto bem diferente da época do início da colonização. Aquela "rush" de pioneirismo se abrandou, embora o crescimento demográfico do Estado e da região continue sendo praticamente o dobro do resto do País. E surgiu um elemento muito importante para consolidar esta parte do Brasil: a indústria-

lização, estimulada pelo melhoramento dos meios de transporte, pela eletricidade, pelos serviços que cada cidade já é capaz de oferecer aos empresários. E pressentimos um novo "rush": o "rush" industrial. Londrina e Maringá já são dois testemunhos disso. E atrás delas virão as outras cidades, não só do Norte, mas do Oeste, do Sudoeste, de todo o Paraná. Este é o Estado mais rico do Brasil, o que tem maior área própria para lavourea, tem o maior potencial energético do Brasil, tem — principalmente — uma população de pioneiros e de gente empreendedora como não existe em outra nação. Portanto, nos próximos 50 anos o Paraná terá uma curva de progresso inigualável neste País. Completamente nova e acima de tudo o que já foi visto. Tenho dito a todos os jovens que me ouvem: "Se quise-

rem enriquecer mais depressa e melhor do que os outros jovens do Brasil, vão para o Paraná. Para qualquer lugar do Paraná. Para as cidades ou para os campos. No Sul ou no Norte, no Oeste ou no Leste. O Paraná tem maiores possibilidades do que qualquer outro Estado do Brasil."

"E o que é mais importante: tenho insistido para que encarem seriamente o problema da fome que ameaça o mundo. Diante dele é inadmissível que qualquer Nação se mantenha apática. É necessário que a juventude brasileira aceite o desafio da fome, sob pena de a mocidade de outros países vir para cá, porque o mundo caminha para um problema de sub-produção de alimentos tão grave que não haverá fronteiras, nem países que possam ficar estáticos, desperdiçando as áreas próprias para a agricultura."

O LADO HUMANO DO TRABALHO



Engenheiros, técnicos, especialistas, funcionários, operários, toda uma comunidade humana empenha-se diuturnamente no esforço de construir a grande usina que proporcionará ao Estado do Paraná a vitória decisiva no setor da eletrificação. Para que a Hidrelétrica Capivari-Cachoeira transforme-se em centro propulsor do desenvolvimento paranaense, quase dois mil homens atuam nas várias frentes de trabalho abertas no coração da Serra do Mar. A maioria dos trabalhadores está radicada com suas famílias no próprio canteiro da obra, formando um núcleo populacional dotado de moderna e completa infraestrutura urbana. A humanização do ambiente de trabalho é também um dos objetivos prioritários da ELETROCAP, que desenvolve um amplo programa assistencial para garantir a segurança e o bem estar de todos os que vivem e trabalham na obra fadada a desempenhar papel de primeira grandeza na aceleração de nosso desenvolvimento.

Abastecimento de água potável, sistema de esgotos, luz, observância de rigorosos padrões de higiene nos alojamentos coletivos, refeitórios, unidades residenciais dotadas de todo conforto, grupo escolar com capacidade de quase quinhentos alunos, canchas de esporte, ambulatório e gabinete dentário onde se dispensa integral atendimento médico e odontológico— tudo isso constitui o outro lado do gigantesco empreendimento que está sendo levado avante para que o Paraná possa, num futuro bem próximo, figurar na vanguarda dos Estados da federação.





CENTRAL ELÉTRICA CAPIVARI-CACHOEIRA S.A.

“e de muito longe
os viajantes
se deslumbrarão
com o brilho de suas luzes”



Reportagem de MILTON CAVALCANTI e ADHERBAL FORTES JR.

MARINGÁ, ANO 20

Aos 20 anos de idade, Maringá é uma metrópole em todos os sentidos. Ali vive uma sociedade nova e dinâmica, composta de homens e mulheres vindos de todos os pontos do Brasil e do Exterior. Eles construíram uma grande cidade, moderna, bem urbanizada e — sobretudo — humana. Uma cidade de praças, ruas bem pavimentadas e grandes espaços verdes. Até agora, não houve alterações no plano urbanístico traçado há 20 anos. Por isso, Maringá pode aguardar com tranqüilidade o seu grande futuro de centro polarizador da região mais rica do Brasil. E também de atração turística, pois os novos caminhos asfaltados que ligam São Paulo a Foz do Iguaçu tornam Maringá ponto de descanso obrigatório dos viajantes.

Este futuro foi construído pelos pioneiros que acreditaram, há 20 anos, que ali, no meio da mata, sobre a terra róx, nasceria uma grande metrópole. E, por acreditarem, ali se instalaram com suas famílias. Houve 37 mil casamentos neste período. E 72 mil nascimentos foram registrados. Maringá é uma cidade jovem, habitada por gente jovem. Hoje, Maringá começa a sentir a presença dessa segunda geração. Os filhos dos pioneiros estão entrando nas universidades e preparando-se para assumir o lugar dos pais, nas fazendas, no comércio e — principalmente — nas indústrias nascentes.

O que há duas décadas era apenas um investimento de esperança, hoje é um sólido capital: os cafézais, a lavoura branca e as fábricas tornaram este o lugar onde é maior a renda "per capita" em todo o Brasil. A fé, a confiança e a serena tranqüilidade num futuro ainda mais próspero. Um futuro parece que feito para compensar e pagar com juros a fé, a esperança e os sacrifícios daqueles visionários que, em 1947, exclamavam, proféticos: "Aqui nascerá a cidade mais rica, mais bonita e mais humana de toda a região; e de muito longe os viajantes se deslumbrarão com o brilho de suas luzes".

SEGUE

Apesar de ser uma cidade de crescimento predominantemente horizontal, Maringá também cresce para cima. Na foto de baixo está o edifício Três Marias, o primeiro construído na cidade. Em cima, os edifícios Lundgren e — em primeiro plano — do Banco da Lavoura. Além desses, há o Maria Tereza, com 14 andares, o Atalaia, com 12, o Condomínio Maringá, com 12 e outros. As praças de Maringá — chamadas "redondos" pelo povo — constituem motivo de permanente atração para os visitantes, pela variedade da flora e riqueza do desenho. Graças a suas praças e avenidas arborizadas, Maringá é uma cidade de amplos espaços verdes.





A explosão populacional é particularmente sentida no setor escolar. Basta dizer que o número de alunos nas escolas primárias passou de 16 mil para 32 mil em apenas um ano. E continua aumentando no mesmo ritmo. A principal luta da Prefeitura e dos proprietários de estabelecimentos particulares de ensino é acompanhar o vertiginoso crescimento da população escolar. Graças principalmente a uma inteligente política de investimentos e da colaboração entre os setores público e privado, estão conseguindo vencer a batalha da educação.

MARINGÁ LUTA PARA ACOMPANHAR O VERTIGINOSO CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO URBANA

O prefeito Luiz de Carvalho, mineiro, formado em Medicina na Universidade do Paraná, é um dos homens que acompanha com segurança o desenvolvimento de sua cidade. Sabe que tudo o que se pode fazer para acompanhar o ritmo de progresso está sendo feito. E não se desespera ao ver que a curva do crescimento demográfico continua ascendente. Em apenas dois anos de sua administração, foram construídas mais escolas do que em todos os períodos anteriores. Foram colocados 52% mais de asfalto do que existia (eram 259 mil metros quadrados de ruas asfaltadas, agora são 530). E todas as outras obras municipais duplicaram.

«No ano passado, tínhamos 16 mil alunos em idade escolar; agora temos 32 mil. E isso se compreende bem: a maioria esmagadora da população é composta de casais novos, que vêm morar em Maringá por saber que ela é uma cidade moderna, dotada de todo o conforto, e situada na região de maior desenvolvimento e da maior renda «per capita» do Brasil. Nosso índice de natalidade é maior do que em qualquer outra região. Por isso, é necessário unir capitais públicos e privados para atender a imensa demanda de salas de aula. E' o que estamos fazendo com bastante êxito. Acre-

dito que até o fim do mandato teremos construído mais 240 salas, oferecendo escola a mais quase 15 mil crianças.»

Mas atrás do crescimento populacional surgem as outras necessidades do progresso. O sistema de abastecimento de água é uma delas. Foi feito um plano de captação do rio Pirapó, com previsão para 200 mil habitantes (a cidade tem atualmente cerca de 80 mil). A obra inclui a captação propriamente dita, a adutora, a estação de tratamento e a rede de abastecimento. A captação está sendo executada rapidamente, ao mesmo tempo em que se preparam as concorrências (que já podem estar concluídas quando NP estiver circulando) para o assentamento de 14 quilômetros de tubos de aço com 60 centímetros de diâmetro da adutora e para o assentamento da linha elétrica. A estação de tratamento, já concluída, é considerada pelos técnicos uma das obras mais perfeitas do Brasil. Além da técnica moderna de tratamento, foi muito valorizada pela arquitetura do prédio.

Inicialmente, Maringá obteve financiamento da CODEPAR, utilizando o crédito do município junto ao Tesouro do Estado. Depois veio o Departamento Nacional de Obras e Saneamento, que fez

a captação e uma parte da adutora. Agora a obra entra na fase final, graças a capitais municipais e financiamento da SANEPAR. Dentro de um ano, no máximo, haverá água tratada para os maringenses. A rede de distribuição será feita com a colaboração do DNOS e recursos do Fundo de Contribuição de Melhoria, pago pelos proprietários.

Graças a essa soma de fatores — existência de estrada de ferro, estrada de rodagem asfaltada, energia elétrica abundante, abastecimento de água em fase de conclusão, houve um renovado interesse em torno de Maringá. O setor da construção civil é um bom exemplo disso. Somente no ano passado a Prefeitura concedeu mais de 1.500 licenças para a construção de residências. Por isso, o prefeito Luiz de Carvalho não admite que se possa falar em crise no setor da construção civil.

«Acontece apenas que Maringá é uma cidade ampla, que cresce horizontalmente, não verticalmente. O plano de urbanização legado pela Companhia Melhoramentos à cidade dá condições à criação de diversos núcleos de atração. E esta multipolarização desestimula a convergência para um único centro, um dos principais defeitos das cidades mais antigas. Isso não quer dizer que haja uma guerra aos arranha-céus. Há vários aqui. Mas a população parece mesmo preferir as construções mais baixas, ao menos por enquanto. Até os profissionais liberais — médicos, dentistas, advogados — procuram montar seus escritórios em pequenos prédios. Isso talvez se deva a uma característica de Maringá, a de ser um centro de região. Grande parte do movimento provém de centros pequenos, ou do campo, onde os moradores estão desabitados e até não gostam das filas de elevadores e dos espaços pequenos».

Mas a característica mais importante desta metrópole de 20 anos de idade é o surto industrial. Ele veio junto com a rodovia asfaltada e com as linhas de transmissão de energia elétrica. E é considerado tão importante que uma co-

«O que merece ser construído, merece ser bem construído», é o lema proclamado e adotado na profícua gestão do prefeito Luiz de Carvalho.



missão especial — a Comissão de Industrialização de Maringá — foi criada para planificá-lo. Nos últimos dois anos foram instaladas duas fábricas de óleos vegetais, além da já existente, que está sendo ampliada. Outros investimentos, em fase final de planejamento, foram adiados alguns meses em razão da recessão de 65-66. Mas voltam a ser atacados agora, quando tudo parece indicar uma normalização da vida econômica regional e brasileira.

OS PIONEIROS MOSTRARAM QUE SABEM TAMBÉM COMO PLANTAR CHAMINÊS

O presidente da COIMAR, Ermelindo Bolfer, analisa da seguinte maneira a questão da industrialização de Maringá: «A indústria é a única fórmula de fixação da agricultura na região em que vivemos. E mais do que isso: de possibilitar a diversificação da lavoura. Porque o lavrador não tem condições de entregar seus produtos permanentemente ao Banco do Brasil. Ele precisa, para ser estimulado e continuar a plantar, de ter um comprador, de ter segurança. E passa então a plantar mais. Vou citar apenas um exemplo aqui na região: o da soja. Há apenas três anos plantamos soja, mas este ano foram colhidas 200 mil toneladas do produto. É 50% do que produz o Rio Grande do Sul, que é um plantador tradicional. E, no ano que vem, acredito que a produção venha a ser igual à do Rio Grande. O plano de industrialização vai se desdobrar em duas etapas: na primeira será industrializada a matéria prima da região — oleaginosas, cereais, produtos de origem animal e outros. Na segunda etapa surgirão fábricas dos produtos que mais se consomem na região: tecidos, artefatos de couro e outros produtos de consumo imediato. Isso não significa que os produtos daqui se destinem exclusivamente ao mercado regional. E muito menos que possam sofrer com a concorrência das fontes tradicionais. É fácil compreender porque: um saco de soja custa aqui dez mil cruzeiros; industrializado em São Paulo, o óleo equivalente custará dez mil cruzeiros novos. É por isso que ele deve e vai ser industrializado aqui mesmo. Para que a região não continue a sofrer um processo de descapitalização e para que o lucro do produtor de fora seja transferido para cá. Nós já conhecemos as consequências de um processo de descapitalização prolongado. No Rio Grande do Sul aconteceu isso. E nós não

permitiremos que o mesmo quadro se repita na região de Maringá.»

Tanto que já está concluído o plano para a construção de um distrito industrial entre as estradas para Paranavai e para Campo Mourão, em terreno excelente para fábricas, pois além de esgoto natural, terá toda a área urbanizada, rede de energia elétrica, de abastecimen-

to de água, ramal ferroviário e rodoviário. A Prefeitura concedeu uma série de facilidades fiscais para as novas indústrias e o interesse demonstrado pelos empresários não ficou no terreno dos planos. Já se prepara a transferência de uma grande indústria do Rio Grande do Sul, um cortume, e a instalação de outras já projetadas.



ATÉ O FIM DO ANO MARINGÁ TERÁ A MAIS MODERNA RÊDE DE ÁGUA DE TODO PARANÁ

Os tubos de 600 m de diâmetro (foto acima) representam 14 quilômetros de adutora que garantirão para Maringá água abundante para uma população de 200 mil pessoas. As concorrências já estão em fase final. A estação de tratamento (abaixo) é uma das principais e mais belas do País. O programa de obras de Maringá representa um dos maiores investimentos patrocinados por um município paranaense. Todos os setores da economia maringaense receberam substanciais investimentos, graças principalmente ao padrão de organização financeira do Município. No ano que passou, a percentagem de investimentos em relação à arrecadação municipal chegou a 87%. **SEGUE**





A PREFEITURA DE MARINGÁ TEM UMA DAS MAIORES TAXAS DE INVESTIMENTO DO BRASIL: 75%

Avenida Brasil, uma das principais de Maringá. Na atual administração prosseguiram as obras de asfaltamento a partir da praça Emiliano Perneta em direção ao aeroporto e a partir do Maringá Velho na saída para Cianorte. É uma das inúmeras obras concluídas pela atual administração em todos os setores.

A finanças de Maringá continuam demonstrando uma vitalidade invulgar. A arrecadação da Prefeitura em março de 67 foi de 590 mil cruzeiros novos, quando no mesmo período, em 1963, tinha sido de apenas 23 mil cruzeiros novos. Naquêle ano, foram arrecadados, em doze meses, 452 mil cruzeiros novos; agora a estimativa — feita por baixo — é de 5.056 cruzeiros novos. A percentagem de gastos com pessoal da Prefeitura de Maringá é uma das mais baixas do país. Nos últimos dez anos a média foi de 25,5%. Este ano, 87% da arrecadação será destinado a investimentos. O exemplo em números é bem significativo: em 1966, para uma arrecadação total de 3.018.128 cruzeiros novos foram gastos com pessoal somente 769 mil cruzeiros novos. E isso não foi substancialmente alterado com a reforma tributária.

“Falando francamente — diz o prefeito Luiz de Carvalho a propósito do ICM — o município até está recebendo menos: 404.955 cruzeiros novos no 1º trimestre dêste ano. A soma das parcelas

do antigo Artigo 20 mais o imposto de indústrias e profissões é maior do que obtemos agora pelo ICM. Isso em números. Mas em benefícios imediatos Maringá ganhou com a reforma tributária porque antes as cotas eram contabilizadas mas com uma reversão muito demorada. Agora, recebemos imediatamente, dentro de um sistema muito mais compensador. Por isso, temos que reconhecer que os aspectos negativos da reforma são bem compensados pelos positivos.”

o volume de
dinheiro movimentado
é superior ao de oito
capitais de estados
brasileiros

Na realidade, os dados econômicos obtidos em diversas fontes indicam que a situação de Maringá é das mais privilegiadas. No movimento de compensação de cheques — que é um dado utilizado freqüentemente pelos financis-

tas para medir a vitalidade de um mercado — a cidade está bem acima de muitas capitais e cidades importantes do Brasil. O quadro seguinte, correspondente ao mês de janeiro dêste ano, é um demonstrativo disso:

Cidade	Número de Cheques	Valor (em NCr\$) 1.000
Maringá	84.469	38.187
São Luiz	14.262	15.503
Teresina	5.213	7.712
Natal	31.766	22.058
João Pessoa	23.812	24.533
Maceió	37.570	37.754
Aracaju	27.681	27.415
Florianópolis	30.287	19.630
Cuiabá	24.553	19.855
Feira de Santana	17.747	16.207
Campos (Est. do Rio)	17.317	16.414
Baurú	115.530	33.014
Marília	107.486	21.199
Ponta Grossa	25.665	19.971
Paranaguá	19.419	14.561
Pelotas	27.126	13.261

Outro elemento importante para verificar o dinamismo econômico de Maringá é a relação entre empréstimos e depósitos bancários. Deve-se notar que as cidades a seguir mencionadas são as que possuem agência do Banco do Brasil, cujas aplicações de capital geralmente são grandes. Assim mesmo, Maringá depositou mais do que recebeu em empréstimos. E, o que é muito importante: sua proporção entre empréstimos e depósitos na rede bancária foi a mais equilibrada de todas. Isto significa que

apesar da recessão, os maringaenses continuam acumulando poupanças e movimentando seu dinheiro regularmente.

Por sinal, o carregamento de capitais de um ponto para outro do Estado e do País, em que pesem todas as disposições dos órgãos responsáveis pela política financeira da Nação, continua a se fazer sentir, com prejuízo para as regiões onde é maior a geração de renda — caso do Norte do Paraná. Em resumo, a situação dos depósitos e empréstimos nas principais praças para-

naenses, em novembro do ano passado é a seguinte:

Cidade	Depósitos	Empréstimos
Maringá	23.496.541	22.815.130
Paranaguá	8.193.445	23.172.447
Londrina	34.328.578	51.657.307
Assai	2.596.381	8.880.576
Campo Mourão	2.614.809	6.200.613
Apucarana	6.982.975	10.982.688
Paranavai	6.106.654	10.819.498
Pato Branco	1.525.255	2.795.814

SE GUE

A IMENSA CATEDRAL, OS CLUBES, AS BELAS RESIDÊNCIAS MOSTRAM O DINAMISMO DE MARINGÁ

O crescimento de Maringá é sentido principalmente na zona residencial, onde as novas casas são luxuosas e de bom gosto. Os clubes (abaixo, à direita) estão entre os mais bonitos do Brasil. O da foto é o Olímpico, mas o Maringá Clube, o Country Clube e o Clube Hípico apresentam também o mesmo aspecto agradável e ameno. Entretanto, o maior orgulho dos maringaenses, em matéria de construções, é sua nova catedral (abaixo) que será a maior do Estado. As obras, que progrediam lentamente, ganharam agora um ritmo rápido, graças a um esforço conjugado de todos.



PRÍNCIPE HOTEL



SERVIÇO DE QUALIDADE
60 APARTAMENTOS COM TELEFONE

Rua Piratininga s/n — Fone 1506 — MARINGÁ

Restaurante e Churrascaria GUARANI



Serviço «a la carte» — Cosinha internacional

Completo "Buffet" para inaugurações

Aceita encomendas para banquetes, bolos para festas de casamento

Rua Néo Martins, 2426 (fundos) — Fones: 1176 e 1951 — MARINGÁ

Não são só esses os problemas e as reivindicações de Maringá no setor econômico-financeiro. O prefeito Luiz de Carvalho e sua equipe assumiram uma posição de protesto no caso da política cafeeira.

«Ninguém ignora que a economia de Maringá e de praticamente toda a região Norte é baseada no café — diz ele. E, entretanto, os municípios produtores não recebem recurso nenhum, não há reversão alguma do imposto cobrado sobre o café. Em consequência, as administrações municipais deixam de contar com meios ponderáveis para financiar seu desenvolvimento. E' preciso descobrir uma fórmula para que o município tenha uma participação nesta receita, como tem nos tributos referentes a outros produtos agrícolas. Não se compreende que somente o café fique à margem e se torne quase que um sabotador do progresso. E' uma compensação justa e necessária, pelo menos sob o ponto de vista da unidade municipal, embora existam sérios conflitos a superar. Os interesses do município e do govêrno estadual são conflitantes. Os interesses do município e dos produtores ou maquinistas são contrários, pois estes não desejam pagar imposto sobre a primeira operação do café. A cobrança do imposto — ao menos de nosso ponto de vista municipalista — deverá ser feita na primeira operação ou, no máximo, na segunda».

ARRECADAÇÃO FEDERAL EM MARINGÁ

1962	NCR\$	406.495,72
1963	NCR\$	551.609,52
1964	NCR\$	1.048.360,39
1965	NCR\$	1.992.401,39
1966	NCR\$	3.452.051,35

ARRECADAÇÃO ESTADUAL

1962	NCR\$	1.546.080,66
1963	NCR\$	1.754.031,19
1964	NCR\$	3.899.127,73
1965	NCR\$	8.009.220,43
1966	NCR\$	10.999.514,86

ARRECADAÇÃO MUNICIPAL

1961	NCR\$	100.242,54
1962	NCR\$	243.252,23
1963	NCR\$	452.426,27
1964	NCR\$	887.720,36
1965	NCR\$	2.007.205,51
1966	NCR\$	3.018.128,28

53% DAS RUAS ASFALTADAS FORAM PAVIMENTADAS NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS

As obras da prefeitura de Maringá prosseguiram normalmente nos últimos meses, apesar das dificuldades econômicas por que passaram outras regiões. O serviço de asfaltamento foi mantido em ritmo acelerado, completou-se uma arquibancada no Estádio Municipal (foto em cima), o serviço de iluminação pública acompanhou a instalação da rede da Copel, o Matadouro Modelo (foto embaixo) será inaugurado dia 6 de maio, as obras do Cemitério Municipal continuaram, os contratos para construir a adutora e levar energia até o rio Pirapó estão em fase final de concorrência. Em nenhuma outra cidade paranaense é tão grande o investimento público em relação ao número de habitantes como em Maringá. Isso foi conseguido, principalmente, graças à dinamização da arrecadação — decorrente do progresso do Município e dos novos métodos implantados — mas serve como exemplo para toda a região, onde Maringá é hoje considerada uma cidade-padrão. Maringá foi planejada pelo urbanista Jorge de Macedo Vieira para acolher 200 mil habitantes e possui 40 avenidas e 20 praças, ao longo das quais se erguem mais de 15 mil prédios. O número de ligações elétricas, que em 1965 era de 8.156, já ultrapassou longe as 10 mil, segundo as estimativas. Um dos motivos da grande beleza da cidade é o Horto Florestal que distribui mudas de todas as espécies vegetais, destinadas ao embelezamento dos locais públicos e jardins particulares da cidade. Onde existem 14 hospitais, dois postos de saúde pública, um posto de puericultura, um posto do Departamento Nacional de Endemias Rurais.







Se Existisse...

Se existisse uma escola de pioneiros
a gente mandaria lá, para ensinar,
homens assim como Hermann Moraes Barros
e Cássio da Costa Vidigal
acompanhados por Joubert de Carvalho
que faria a música de fundo
assobiando «Maria Ingá»,
que, com o passar do tempo
iria se chamar só «Maringá».
«Depois que tu partiste,
Tudo aqui ficou tão triste
Que eu garrei a imaginá...»

Êles ensinariam aos homens de hoje
como plantar cidades e semear progresso.
Oitenta são em número, nos quinhentos
e quinze mil alqueires, com trinta e seis
milhares de pequenas propriedades,
reforma agrária sem sangue,
feita na pranchêta,
um, dois, dez, trinta, cinquenta
alqueires e adeus! Vá plantar
e colher, meu filho, que a terra
«é dadivosa e boa e tudo em nela
se plantando dá»...

O Norte do Paraná é o Brasil
redescoberto pelos visionários
que enxergaram através de olhos
misteriosos que traziam no coração.
Foram os passos de Hermann, Cássio,
Gastão Mesquita, Arthur Thomas, Willie Davids,
Aristides que nós seguimos,
céuticos e duvidosos, não acreditando
naquilo que êles punham tôda sua fé
e seu trabalho: o futuro.

Quando Maringá, na festa dos 15 anos,
debutou usando vestido de asfalto e
diadema de lâmpadas a vapor de mercúrio,
meninazinha de coração pulsando ao som
de milhares de máquinas e veículos,
os pioneiros estavam ali, os que criaram
a cidade e o padrinho de batismo, num abraço
fraternal, simbolizando nos olhos e nos gestos
a divina luz de homens predestinados
que cumpriram a missão...

N.R. — Há cinco anos, Wilson Silva
escreveu para NP estas palavras sobre
Maringá, seu pioneirismo, seu grande des-
tino. Hoje, nós que acompanhamos o mag-
nífico desenvolvimento dêste pedaço de
Paraná, não achamos que deva ser mo-
dificada uma única palavra.

Nós acreditamos em Maringá

Nós chegamos com os primeiros pioneiros.
Como eles, acreditamos na fertilidade da terra
e no dinamismo dos colonizadores.
Desde 1949 ajudamos a semear o desenvolvimento
e acompanhamos a luta dos desbravadores.
Hoje, estamos orgulhosos de Maringá,
esta jovem metrópole que acolheu
gente de todos os pontos do Brasil e do mundo
e a ninguém negou oportunidade de trabalhar e progredir.
Estamos orgulhosos destes homens e destas mulheres
cujo principal capital é o entusiasmo
e uma ilimitada confiança nesta terra abençoada.
Temos a mesma confiança na terra
e nos homens que a lavram.
Por isso aqui estamos e aqui continuaremos
participando da mesma luta
pelo progresso, pelo bem-estar, por Maringá.



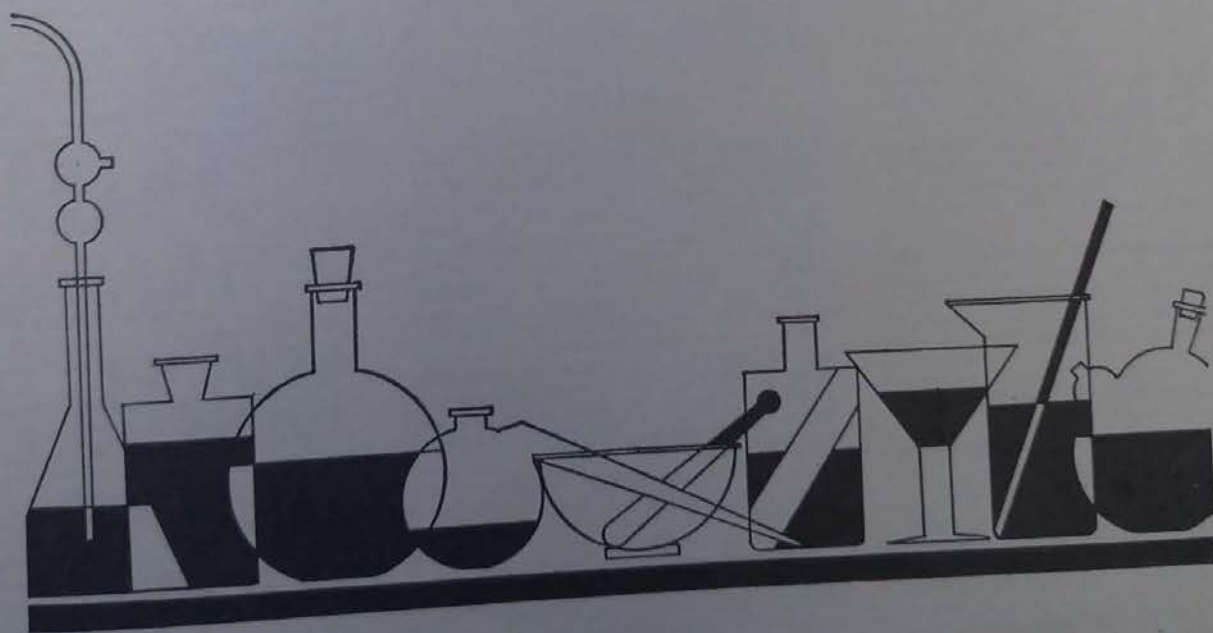
BANCO DO ESTADO DO PARANÁ S. A.

DROGARIA MORIFARMA

**UMA ORGANIZAÇÃO PIONEIRA
SERVINDO O NORTE DO PARANÁ**

MATRIZ: MARINGÁ

FILIAIS: MARINGÁ, LONDRINA, CIANORTE, CRUZEIRO D'OESTE, PARANAVAÍ (DUAS), MANDAGUARI E NOVA ESPERANÇA



OS DOIS DIALÉTICOS PARANÁS DO NOSSO HOJE

Há muitos paranás dentro do nosso corpo territorial.

Um que vive nos laboratórios de eletrônica, aqui ao nosso lado, de amplas salas na Universidade e um outro de índios da Serra dos Dourados, vivendo a pedra polida, sem jamais ter possibilidade de sentar nas confortabilíssimas cadeiras da moderna tortura de um dentista com broca a jato.

Jacques Lambert sugeriu que, pela disparidade cultural dos nossos grupos populacionais, não somos um, mas "Dois Brasis". Num raio inferior a 100 quilômetros de qualquer grande centro urbano brasileiro, o carro de bois continua em franca utilização.

os dois paranás

A ideia de Lambert pode ser justificada à realidade política estadual, dentro de valores de tempo. Há o Paraná-político de ontem que é uma sombra sobre o de hoje e que, nesta altura, deve estar favorecendo a mística do neismo no corpo opinativo paranaense.

O governo de ontem tem, a seu favor, a lembrança de seu estágio final, que é de onde vem mais viva a memória: a inauguração da "Rodovia do Café"; uma política de diversificação agrícola; a estrada de Curitiba até a Lapa; a estação transformadora de Campo Comprido e, por sobre tudo isto, a certeza de que houve uma recuperação política administrativa depois do período administrativo anterior ao de Ney Braga. Há, sobretudo, a vitória eleitoral de 1963, da qual o ex-governador foi um dos grandes e decisivos fatores.

Residiria aí o humus político, que vem sendo manipulado pelos amigos pessoais de Ney Braga, visando a tornar frondosa a árvore do sebastianismo?

As informações que nos chegam são de que o 1970 deve ser trabalhado agora, bem no estilo do senador, que tem muita fé no brocardo de que "Deus ajuda quem cedo madruga..."

a dialética sucessória

A equação sucessória, vista pelos valores dialéticos, tem que ser posta em termos de tese, antítese e síntese.

A tese, indubitavelmente, é o governo Paulo Pimentel. Quem a antítese? A oposição? Até agora, está muito chafinfrim, anêmica, retalhada por pequenas lutas intestinas, do qual a derrota do sr. Léo de Almeida Neves e a vitória de Renato Celidônio formam pálida imagem.

Antítese será Ney, ou, porventura, Ivo Arzua?

O princípio dialético é de que no corpo do "status" atual existe o seu gérme de morte, para chegar-se, finalmente, à síntese.

Numa realidade, ainda não decantada e nem precipitada, o sr. Paulo Pimentel foi o fato novo, no corpo do velho governo que morreu, no dia em que Ney Braga deixou o governo. Mas, sucede que Ney está, politicamente, vivo e sua estrutura de amigos pode representar o milagre do vir a ser a antítese — por paradoxal que seja — do sistema presente. Este parece ser o perigo que o atual senador está tentando fugir. Seu desejo é o de encarnar a síntese para que, com apoio do próprio governador do Paraná, concretize um sonho que alimenta suas esperanças: o de voltar ao Palácio Iguaçu.

ivo arzua

Mas, excluída, momentaneamente — diante da atual configuração do presente político paranaense — a eventualidade da oposição fazer o novo governador, cabe à figura de Ivo Arzua alguma possibilidade de correr na lida dos pretendentes ao Iguaçu.

Afastado, agora, do Paraná, a sua personalidade política está completando-se com aquele traço necessário de notoriedade nacional, que é uma das condições tidas como imprescindíveis para a postulação em 1970. Seu caminho, porém, está mais difícil, até agora, do que o do sr. Ney Braga.

a tese

O ponto mais importante da encruzilhada reside, ainda, na posição do sr. Paulo Pimentel. Na dialética do Paraná de ontem, hoje e amanhã, a sua atitude política pode tornar-se decisiva, daí porque, não tendo a oposição alcançado um gabarito capaz de empolgar a opinião pública, nenhum dos mais destacados pretendentes ao governo (Ney e Ivo) quer arrostar com o papel de antítese. Ambos se reservam para a condição de síntese de um estuário de forças, do qual o sistema político atual deve desempenhar papel de relêvo.

o empolgamento

Mas, voltemos à ideia inicial.

O sr. Ney Braga é lembrado pelos grandes acontecimentos que marcaram o final de seu governo. Ninguém se recorda do segundo ou do terceiro anos de mandato do ex-governador.

O mesmo está sucedendo, com muitas agravantes, no governo Paulo Pimentel.

No confronto que se faça dos próprios primeiros dias de um e outro período há muito mais emoção na fase Ney Braga. É que ele vinha de vitória contra um sistema político dominante, no Paraná, há vários lustros. Derrotando o lupionismo, cabia-lhe uma tarefa, que executou como imperativo da pregação de sua campanha em 1960.

O governo Paulo Pimentel começou com um ineditismo na história política. Veio do ventre do próprio governo dominante, cabendo-lhe manter os homens e o sistema de forças que, na sua própria figura, continuaram a deter o poder no Paraná. Desde a formação do Secretariado, não houve — como sucedeu com Ney — emoção na seleção de nomes.

Cabia-lhe, com mais sutileza, plantar, vagarosamente, uma nova fase humana, com outras ideias administrativas, mas que não representasse a apostasia em relação a figuras que, ontem, com ele, formaram no próprio Secretariado de Ney Braga. Foi assim que, por tal ordem de imperativos, nem mudou o prefeito de Curitiba, mantendo o sr. Ivo Arzua e só o substituindo, quando o atual Ministro da Agricultura teve que deixar o "Paço da Liberdade", para ir para a pasta da produção.

Este "train" de alterações, sem violências, mas que se esvai, muitas vezes, num jogo de política de gabinete, deve, todavia, concluir-se no máximo dentro de 3 meses. Faltam substituições em uma ou, no máximo, duas Secretarias e o preenchimento das pastas de Administração e Indústria e Comércio. Depois, o sr. Paulo Pimentel deverá lançar-se para o problema político-partidário, com vistas, já, à própria sucessão de 1970.

teor de trabalho

Mas, se assim, tão mal pintado, é o retrato político da administração, não se pode deixar de sublinhar que todos os prognósticos técnicos levam a admitir que o atual governo fará muito mais que o anterior.

Tendo que arrostar as consequências da política financeira de Roberto Campos e, inclusive, a "revolução tributária" do ICM, o Estado tende, a partir de abril, a recompôr-se nas suas finanças. Novas frentes de trabalho serão deflagradas e não será difícil nas próximas reportagens, a afirmativa de que o governo Paulo Pimentel construirá, por exemplo, muito mais quilômetros asfaltados que o de seu antecessor, ou realizará, no setor educacional, ou energético, enfim, na pública administração, um volume de obras acentuadamente superior ao de Ney.

Isto, porém, se verificará a partir do terceiro ou quarto ano de administração, quando os técnicos, em promoção,

pretendem plantar a última e derradeira imagem do governo que se criou debaixo do "slogan" de que "aqui se trabalha".

Até lá, porém, tudo isto está estragado numa área pequena de conhecimentos. É um dos dramas do governo Paulo Pimentel é o de que, tendo conhecimento da existência de dois parâmetros, a promoção da real fisionomia administrativa da atualidade está numa ciranda-cirandinha dos gabinetes mais altos do poder. Não chegou, ao menos até agora, no outro Paraná, o

do interior, aquele que trabalha e a quem não está sendo feita a comunicação intensa e extensa da fisionomia de realizações pública da atualidade.

A grande verdade é que, hoje, o povo não quer, apenas, obras. Deseja é ter conhecimento delas. Conhecer o seu andamento. Viver as etapas do empreendimento. Discutir sua validade, importância e significação para a comunidade interiorana. E isto, propagandisticamente, o governo de Ney Braga soube fazer. E bem, principalmente, no final.

desfecho, com a possibilidade de ser escolhido o nome do ex-ministro da Educação e Cultura, prof. Flávio Suplicy de Lacerda, para a presidência da grei situacionista.

● A Secretaria do Interior e Justiça elaborou um esquema de «liderança política». O comando, no município, caberia ao deputado estadual governista que tivesse obtido a vitória eleitoral. Nos locais onde o candidato mais votado não tivesse, no cômputo geral, obtido uma cadeira de deputado à Assembleia, esse comando caberia a quem o governador decidisse. O esquema tem muitas minúcias, mas está sofrendo, agora, um fato novo. Os deputados «arenistas», da bancada federal do Paraná, reuniram-se em Brasília e resolveram, também, ter uma fatia no «bolo» do sistema das «lideranças». Um dos mais exêntos defensores da idéia, por exemplo, é o vice-líder do governo, na Câmara Federal, sr. Haroldo Leon Pêres, que não quer, de nenhuma forma, perder seu poder, entre outros, no município de Maringá... É tão difícil e intrincado o problema, que, recentemente surgido, ainda não foi contornado.

o outro lado das notícias

● A escolha do sr. Ivo Arzua, para o Ministério da Agricultura, foi, muito mais, obra de um grupo de militares de prestígio junto ao presidente Costa e Silva, dentre os quais o general Candal da Fonseca (foi o comandante da 5ª Região Militar e, hoje, presidente a «Petrobrás»), Assumpção Cardoso e outros.

● A linha «duríssima» do Exército, dentre os quais os coronéis Osnielli Martinelli (presidiu o IPM de Juscelino Kubitschek) e Ferdinando de Carvalho (presidiu o IPM do Partido Comunista, no Brasil), reivindicou junto aos governadores Paulo Pimentel e Abreu Sodré — a quem fora delegada, pelo presidente Costa e Silva, a incumbência de indicar, em conjunto, o nome do presidente do IBC — que a presidência coubesse ao sr. Sálvio de Almeida Prado.

● Foi uma longa batalha nos bastidores, a afinal escolha do sr. Horácio

Coimbra. A um tal ponto que o sr. Alcântara Machado, de São Paulo, com o apoio do Ministro da Indústria e Comércio, chegou a telefonar para o sr. Paulo Pimentel para que se integrasse na indicação de seu nome, posto que já estava, virtualmente, nomeado para presidir o IBC. Foi nesse ponto que o governador do Paraná passou um célebre telex para o presidente, desencadeando-se, daí, o último «round», que trouxe o êxito da preferência presidencial para a figura do sr. Horácio Coimbra. Deveu-se tanto tal resultado ao sr. Paulo Pimentel que o primeiro governador a ser visitado pelo novo presidente do IBC foi o do Paraná.

● Tão grande, mas tão grande a pressão nos bastidores junto ao sr. Paulo Pimentel, para a nomeação do protegido do sr. Ivo Arzua, para a Prefeitura de Curitiba, que houve situações muito tensas, no Palácio Iguaçu. Na área do atual ministro da Agricultura (o sr. Ivo Arzua postulava para a Prefeitura o nome do sr. Raimundo Marussig, seu chefe de gabinete) era tanta a confiança de que o sr. Paulo Pimentel seguiria essa indicação que, 48 horas antes da decisão do governador, todo o secretariado da administração curitibana já tinha sido escolhido.

● Num domingo pela manhã, todavia, o governador chamou em sua residência o sr. Omar Sabbag e formalizou o convite para, afinal, o apresentar como o seu escolhido para governar a cidade que tem um eleitorado de mais de 200 mil votantes. A solução representou não uma vitória para o sr. Ivo e nem para o sr. Ney Braga. É possível que o seja para o sr. Paulo Pimentel.

● É voz corrente, nos bastidores políticos da Capital, que o sr. Ney Braga quer, numa bandeja, a «cabeça» do sr. Zacarias Seleme, que vem presidindo, efetivamente, a «Arena». De outra margem, o ex-governador Alcacyr Guimarães, que é o presidente da «Aliança», disse que, somente, em começo de maio dará uma resposta se fixará sua residência em Curitiba ou São Paulo. Vale dizer, com isto, que só nessa oportunidade é que decidirá se renunciará ou não — para, então, assumir — a mais alta posição no partido situacionista.

● Por outra margem, começam a registrar-se os primeiros rumores de que, em maio, a questão da «Arena» terá um

ciranda de notinhas

O sr. Ivo Arzua está procurando, dentro do vasto estuário de forças do situacionismo, fixar uma faixa própria. Ney Braga procurando, no Senado, multiplicar sua atuação. Comentários de que o sr. Orlando Mayrink Goós voltaria para o nível do Secretariado. Aníbal Curi cogitado para um posto no gabinete executivo da «Arena». Almoço, no Iguaçu, de todos os 20 vereadores de Curitiba e mais o sr. Omar Sabbag, com Paulo Pimentel: o novo prefeito da Capital dizendo que não fará obras eleitoreiras e nem despenderá verbas para promover sua gestão, preferindo que suas obras falem por si próprias. Maurício Schulmann, nova conquista do Paraná, nas fronteiras administrativas federais, em cargo do diretor da «Eletrôbrás», no mesmo nível do ex-governador Lucas Nogueira Garcez, de São Paulo. Saul Raiz, aposentando-se como ministro-substituto do Tribunal de Contas, para permanecer na Secretaria de Viação e Obras. Governo na iminência de criar uma nova autarquia, específica sobre o Turismo. Samuel Guimarães da Costa, jornalista, novo Chefe da Casa Civil. Homem sem arestas, profissional conceituado, sua posse foi o grande acontecimento político-administrativo do final de abril. Paulo Pimentel com audiência marcada para o começo de maio, com o presidente Costa e Silva. MDB com um plano já delineado para formar Comissões Diretores nos Municípios, o que não ocorre com a «Arena». O TSE, através de instrução, determinou a data de até 30 de junho para que, nos Estados, estejam formadas, ao menos, 1/3 das citadas Comissões nos municípios. Batalha da nova Constituição, na Assembleia, com melhor atuação do MDB, destacando-se duas figuras no modébrismo: Alencar Furtado e J. Simões. Nenhuma referência — ainda — em especial aos novos deputados «arenistas».

ANUNCIE NA
**FÔLHA
DO NORTE
DO PARANÁ**

COBERTURA TOTAL

DE TODO O

NORTE DO ESTADO

MARINGÁ



Centro comercial de Cidade Gaúcha.

UMA GAUCHA É A RAINHA DO OESTE

No auge da repreensão contra um funcionário, o chefe de importante repartição pública estadual em Curitiba fez a ameaça: "Cuidado, eu posso transferi-lo para Cidade Gaúcha". O episódio é anedótico, mas verdadeiro e recente. O Prefeito Mário Ribeiro Borges cita-o com indignação para ilustrar a ignorância ainda predominante, entre homens que exercem posições de responsabilidade, sobre o interior do Paraná.

É bem verdade que há alguns anos passados, quando o hoje próspero e dinâmico município de Cidade Gaúcha era ainda um distrito de Rondon, a simples menção de uma transferência para aquelas regiões quase inexploradas, poderia significar um castigo indesejável. Corria, então, a fama de um lugarejo, perdido em pleno sertão paranaense, sem administração e sem lei, povoado por camponeses simplórios e bandidos famosos. Hoje, a situação é bem diversa. Quem chega a Cidade Gaúcha pela Avenida Marechal Rondon, encontra um centro dinâmico de progresso e desenvolvimento. Atividade comercial intensa. Presença do executivo através de obras públicas que irão acelerar o progresso da cidade e do município. É o caso das obras de urbanização, já iniciadas com a arborização e futuro ajardinamento da Praça João XXIII, até há pouco tempo um imenso matagal. O mesmo ocorre com a Avenida Marechal Rondon, onde já estão sendo colocados os tubos de escoamento de águas pluviais, serviço base para que possam ser, em seguida, atacadas as obras de colocação de meio-fio e ajardinamento dessa principal via pública da cidade. Em cada cruzamento importante, uma placa do Lions Clube de Cidade Gaúcha atesta a existência de uma sociedade de elite procurando, através da preocupação constante de servir à coletividade, elevar o padrão dos serviços prestados pela comuna, tanto aos seus habitantes como aos forasteiros que por ali passam. Milhares de crianças frequentam as escolas primárias espalhadas na cidade e uma escola normal de grau ginasial demonstra a preocupação dos habitantes e do poder público municipal para com o preparo das novas gerações. Um Conselho Comunitário, congregando cidadãos proeminentes, auxilia a Prefeitura a equacionar e resolver os problemas mais importantes do município.

Esse surto de progresso é recente. É consequência de uma filosofia de governo, há pouco mais de um ano implantada no município pela atual administração municipal. Ao assumir a prefeitura em 15 de novembro de 1965 o prefeito Mário Ribeiro Borges trazia uma grande experiência parlamentar colhida na Câmara Municipal de Rondon para a qual foi eleito, pela primeira vez, aos 21 anos de idade. Naquela Casa Legislativa exerceu a primeira secretaria, chegando a ocupar a Presidência. Em 1960 o distrito de Cidade Gaúcha foi desmembrado de Rondon, e elevado à categoria de município. Mário Borges foi escolhido pelo então Governador do Estado para Interventor do novo município. Instalou a prefeitura e organizou a administração entregando-a ao primeiro prefeito eleito, em 1961. Eleito em

Praça João XXIII, uma das novas obras de urbanização da cidade.





Em cima, poço artesiano em perfuração. Faz parte das obras para dotar a sede do município de rede de água potável. Os trabalhos de perfuração estão sendo realizados em convênio com o SESP e a construção do reservatório e a rede, em convênio com a SANEPAR. Embaixo, uma das unidades escolares de Cidade Gaúcha, setor onde mais se destacou a atuação da Prefeitura no exercício passado. Oito salas de aulas construídas, reforma de grupos escolares da sede e dos distritos de Tapira e Nova Olímpia, aquisição de terreno para construção de um ginásio, melhorias nos grupos existentes, fornecimento de merenda escolar, material didático, manutenção de 82 professoras, concessão de bolsas de estudos e outras iniciativas, que representavam uma despesa total de cerca de 75 milhões de cruzeiros velhos.

1965 com larga margem de votos sobre seu oponente (cerca de 1.000 votos numa eleição onde compareceram 6.000 votantes) e conhecendo a fundo os problemas municipais, Mário Borges decidiu fazer de sua administração um trabalho de equipe. Para isso descentralizou a administração criando três secretarias e convocando, para dirigi-las, figuras de projeção no município e de comprovada capacidade nas respectivas funções. Sub-prefeituras foram também criadas, para auxiliar a administração, nos distritos de Tapira e Nova Olímpia.

reforma tributária

Ao assumir a Prefeitura a administração Mário Borges encontrou a vida municipal completamente paralizada. A arrecadação era insignificante para atender às necessidades urgentes no setor de obras públicas. Não havia saldo em caixa. Um débito de cerca de 30 milhões de cruzeiros (NCr\$ 30.000,00) e as verbas do artigo 15 (saldo da arrecadação federal) empenhadas, oneravam o orçamento já exíguo. Uma primeira medida corajosa se impunha: completa reestruturação no setor tributário. O trabalho foi desempenhado com êxito pela Secretaria da Fazenda, à frente da qual se encontra um jovem e eficiente colaborador do prefeito, Norberto Valvir Rohde é um apaixonado por Cidade Gaúcha. E o atual presidente do Lions Clube e comandou a reforma tributária. Organizou um moderno sistema de contabilidade e orçamento, com emprego de métodos contábeis e maquinário adequado, o que permite controlar perfeitamente a receita, a despesa e as variações do patrimônio da Prefeitura. Esse sistema substituiu o método até então usado no município, de simples livros de contas analíticas do orçamento, que nada significavam em termos de moderna contabilidade pública.

Como resultado dessas medidas iniciais a arrecadação municipal elevou-se em números redondos de 99 milhões de cruzeiros, em 1965 (NCr\$ 99.015,78) para 242 milhões, em 1966 (NCr\$ 241.786,30). No corrente exercício a tendência é de aumentar a arrecadação, pois até 31 de março foi de 55 milhões de cruzeiros (NCr\$ 55.150,45) contra 39 milhões no mesmo período do ano passado. A arrecadação do ICM, nesse período, foi de 37 milhões de cruzeiros (NCr\$ 37.112,46). A arrecadação estadual no município teve índices de aumento mais significativos ainda. Em

1964 foi da ordem de 64 milhões de cruzeiros velhos, aumentando para 122 milhões em 1965 e atingindo a casa dos 328 milhões em 1966. Até 22 de abril do corrente ano já foram arrecadados 294 milhões de cruzeiros (NCr\$ 294.042,71) de impostos estaduais, o que faz prever, seja ultrapassada no exercício, a casa de um bilhão de cruzeiros velhos.

realizações no setor de obras públicas

O saneamento das finanças públicas permitiu à nova administração uma arrojada no setor de obras públicas. "Primeiro arrumamos a casa", diz o prefeito Mário Borges, destacando sempre a figura de seus colaboradores. Assim, a Secretaria de Viação e Obras Públicas, dirigida por Jesuino Joaquim Cardoso, começou seu trabalho com a reforma total da sede da Prefeitura e da Câmara Municipal, incluindo-se a aquisição de mobiliário novo. Para iniciar os serviços de recuperação das ruas e estradas, foi necessário reformar uma motoniveladora e um caminhão, além da compra de um jipe para substituir o existente inteiramente inaproveitável. Esse maquinário, no entanto, não atende às necessidades de conservação das estradas municipais. O município tem um território extenso, com mais de 500 km de estradas sob a responsabilidade da Prefeitura. O DER tem atendido às necessidades da Prefeitura, sempre que possível. Acontece, porém, que os distritos rodoviários de Paranavai e de Cruzeiro do Oeste, que atendem à região, não têm condições suficientes de atendimento a todo o território sob suas jurisdições, apesar da boa vontade sempre demonstrada pelos seus chefes. A erosão na zona rural agrava ainda mais o problema de conservação de estradas. Os areões formados após as chuvas exigem da Prefeitura um trabalho contínuo porém sempre insuficiente para manter transitáveis as ligações com Paranavai (80 km), Umuarama (75 km), Cruzeiro do Oeste (70 km) e Cianorte (65 km), principais centros para onde se escoia a produção de café e cereais do município. Nessas obras foram gastos, em 1966, mais de 46 milhões de cruzeiros, quando a verba do Fundo Rodoviário, recebida pelo município no exercício de

SEGUE





Ao lado, o prefeito Mário Borges e o vice-prefeito Gentil Geraldi, líderes do executivo de Cidade Gaúcha. Em cima, o secretário da fazenda Norberto Valmir Rhode, ladeado pelo contador e chefe de gabinete Irani A. Brum e pelo escrivão José Pascoal Camilo, eficientes colaboradores da Administração do município.

respondente, foi de apenas 20 milhões. "A única solução", diz o prefeito, "é ampliar o parque motorizado da Prefeitura, o que somente será possível com a ajuda do Estado."

Em 1966 foram gastos 16 milhões de cruzeiros só com máquinas contratadas para combater a erosão urbana, com limpeza de ruas e outros serviços. Até dezembro daquele ano a Prefeitura fez um estoque de tubos de cimento no valor de mais de 5 milhões de cruzeiros, como medida preparatória para iniciar as obras para escoamento das águas pluviais. No corrente ano todos esses tubos já foram colocados, e a Prefeitura já adquiriu mais tubos para prosseguir os trabalhos. O investimento necessário para esses serviços tem sido atendido através de convênios com a Secretaria da Viação do Estado (30 milhões de cruzeiros) e com a Superintendência de Valorização Econômica da Fronteira Sudoeste do País — SVEFSP (5 milhões de cruzeiros). A meta da administração, até o fim de 1967, é completar as obras de tubulação, meio-fio e ajardinamento da Avenida Marechal Rondon, e das vias transversais, numa extensão de 2.000 metros. A obra está orçada em mais de 500 milhões de cruzeiros velhos.

atendimento escolar

É no setor ensino, porém, onde a administração Mário Borges mais tem se destacado. Tendo encontrado as professoras do município com o ridículo salário de 3 mil cruzeiros, procurou dignificar a função propiciando um aumento de vencimentos condizente. Inicialmente, aumentou para 20 mil cruzeiros, depois para 30 mil e, atualmente, com apenas pouco mais de um ano de administração, as professoras municipais de Cidade Gaúcha ganham 40 mil cruzeiros velhos, "o que ainda não é o merecido", afirma o prefeito, "mas o que os recursos da Prefeitura permitem pagar". Também o número de mestras não atendia às necessidades mínimas da população escolar do município. O quadro foi ampliado e hoje existem 82 professoras em atividades. A Prefeitura construiu em 1966 oito salas de aula na zona rural, realizou re-

formas nos grupos escolares da sede do município e nos distritos de Tapira e Nova Olímpia. Instalou, na sede e em Tapira duas novas unidades escolares com 4 salas de aula e todas as demais dependências necessárias para o seu funcionamento. Obra semelhante está sendo construída no distrito de Nova Olímpia, encontrando-se em fase de conclusão. Um terreno para a construção do ginásio foi adquirido pela Prefeitura e o início da construção está na dependência da liberação de verbas por parte do Governo do Estado. As despesas da Prefeitura com estas obras do setor ensino, exceto a contribuição do Estado — algumas destas realizações foram feitas mediante convênios —, elevou-se a cerca de 5 milhões de cruzeiros (NCR\$ 4.934,32).

"Mas o problema do ensino ainda não está resolvido no município" — afirma o prefeito Mário Borges, explicando: "A questão do ensino médio é muito séria. Existe uma escola normal de grau ginásial mas necessitamos, urgentemente, de uma escola técnica de comércio e da instalação do ginásio estadual. Essa deficiência faz com que muitos jovens que terminam o curso médio não possam continuar os estudos, uma vez que seus pais não dispõem de recursos para mantê-los estudando em outras cidades." Uma maior participação do Estado no setor do ensino é reivindicada pela Prefeitura de Cidade Gaúcha. O município mantém uma média de 6 mil alunos primários. Na sede, para que não ficassem crianças sem escola no corrente ano, a Prefeitura teve que tomar emprestado um barracão de propriedade da Igreja onde mantem 4 turmas de aulas. Para atender a esses excedentes foi necessário que se nomeasse novas professoras. Em Tapira, além do grupo escolar de 4 salas a Prefeitura mantém um grupo velho, de madeira, que dispunha de outras 4 salas e onde foram construídas mais duas salas. Nesse distrito estão estudando 1.025 alunos e cerca de 200 crianças ficaram sem escola, este ano, por falta de acomodações. Por esses motivos o prefeito Mário Borges pleiteia a nomeação ou contratação das professoras atualmente mantidas pelo município e a ampliação das unidades escolares com a construção de mais 2 ou 3 salas de aulas em cada uma.

Destacando a atuação do Secretário de Educação e Assistência Social, Olinto Cardoso de Lucena, o prefeito faz referência ao atendimento de inúmeros indigentes por conta do município, a criação e instalação do Posto de Saúde de Cidade Gaúcha, a criação e instalação da Associação de Proteção à Maternidade e à Infância que já encaminhou mais de 100 pessoas para serem atendidas em Curitiba e outros centros, além do fornecimento de medicamentos. Por intermédio desta Secretaria o município auxiliou, ainda, a construção do prédio da Associação Rural de Cidade Gaúcha, e do Educandário Maria Goretti além de contribuir com recursos para a Igreja Católica de Ouro Verde. O total de verbas destinadas ao setor ensino, em 1966, incluindo-se despesas com auxílios aos estudantes de Tapira para frequentarem a Escola Normal da sede, fornecimento de material didático, material de limpeza e higiene, distribuição de merenda escolar em todas as escolas municipais, foi de cerca de 75 milhões de cruzeiros (NCR\$ 74.934,32).

reivindicações

Importantes reivindicações mobilizam atualmente as autoridades e a sociedade de Cidade Gaúcha. A primeira é a criação da Comarca, campanha que vem sendo liderada pela Prefeitura, e Conselho Comunitário. O respectivo processo já está em tramitação na Corredoria Geral do Estado. Alguns argumentos justificam a pretensão, tais como: localizada no centro do eixo rodoviário Paravai-Umuarama, a 60 km de Cianorte, o município já conta com cerca de 60 mil habitantes e 9 mil eleitores; mais de 2 mil propriedades rurais foram cadastradas pelo IBRA; foram emplacados mais de 400 veículos, no município, em 1966; o movimento forense é o maior da Comarca de Cianorte, exceto a sede. A criação da nova comarca deverá beneficiar uma vasta região incluindo Cidade Gaúcha, o novo município de Tapira (desmembrado de Gaúcha) incluindo o distrito de Nova Olímpia, Rondon e o distrito de Bernadelli, o novo município de Indisnópolis com o distrito de São Manoel e o mu-



nício de Guaporema. Liderando a campanha pela sua criação a Prefeitura de Cidade Gaúcha e as entidades locais se dispõem a oferecer ao Poder Judiciário os prédios para a instalação do Fórum as residências do Juiz e do Promotor, (a Prefeitura já doou os respectivos terrenos). Outras reivindicações são a encampação do serviço de luz e força da cidade pela COPEL, construção, pelo Estado, de um prédio para a exatidão estadual, a agência distrital e a residência dos funcionários, a instalação de um posto de saúde estadual (já existe verba no Orçamento do Estado) e a construção do ginásio estadual. Nesse sentido diz o prefeito Mário Borges: "Do Governo do Estado, que arrecadou mais de 500 milhões de cruzeiros no município, em 1966, tendo aplicado apenas uma ínfima parcela em unidades escolares, esperamos que no correr de 1967, quando deverá arrecadar mais de um bilhão, se faça presente em Cidade Gaúcha com algumas obras de vulto. Esperamos, além disso,

algum auxílio para urbanização da cidade, melhoria do serviço de fornecimento de energia elétrica e combate à erosão".

relações com outros poderes

Destaca o prefeito Mário Borges que as relações com o Governo. Estadual são ótimas. O atual Governador venceu sua campanha eleitoral em Gaúcha com esmagadora maioria, vitória essa confirmada pela ARENA, posteriormente, com votação maciça para seus candidatos a senador, (Nei Braga) deputado federal (Haroldo Leon Peres e Hamilton Vilela Magalhães, 1º suplente) e estaduais (Wilson Fortes e Benedito Pinto Dias). Com a Câmara Municipal o clima é de perfeito entendimento graças à maioria com que conta o Executivo: cinco dos oito vereadores.

Ao lado, obras de combate à erosão na via principal de Cidade Gaúcha, avenida Marechal Rondon. A Prefeitura vai investir nos serviços de tubulação, colocação de meio-fio e ajardinamento mais de 500 milhões de cruzeiros velhos no exercício de 1967. Embaixo, placas do Lions Clube indicam aos forasteiros as principais repartições e logradouros da cidade. Embaixo à esquerda, flagrante colhido durante a visita do governador do Distrito Lionístico L-6 (Paraná), Edgard Barbosa Ribas, a Cidade Gaúcha, no mesmo dia em que esta reportagem era realizada. O Lions Clube daquela cidade é um dos mais dinâmicos do Paraná e vem liderando junto com a Prefeitura e outras entidades a campanha pela instalação da Comarca. Outra entidade importante do município é o Centro Comunitário, instituição que reúne personalidades da sociedade local para trabalhar, sem nenhuma remuneração, pelo progresso do município assessorando os poderes públicos. Recentemente instituído o Conselho Comunitário tem a sua primeira diretoria assim constituída: Carlos Durvalino (presidente), Hugo Ribeiro do Carmo, Reynaldo Struckel, Milton Heinz e Fridolino Stappenhorst. O Centro Comunitário tem participado de todas as campanhas reivindicatórias do município, como a da criação da Comarca, a da encampação do serviço de luz e força pela COPEL e a de construção do ginásio estadual.



POR QUE MUDA A PAISAGEM DO PARANÁ

Quem sobrevoar os principais núcleos urbanos do Paraná vai encontrar muitas vezes a paisagem comum das concentrações fabris em regiões cortadas por uma rodovia e equipadas enfim de tudo o que se chama de infra-estrutura. Isso acontece na Capital e um exemplo muito esclarecedor é o do bairro do Guabirotuba ao lado da BR-116. Um verdadeiro complexo industrial ali se localiza, em cujas unidades podemos destacar a SOCIL (uma das mais importantes e bem montadas fábricas de rações animais da América Latina), a Refinaria de Açúcar de Emilio Romani, a Cal-fibra (Calcários), a Placas Paraná e Móveis Vogue (linha superior de produção de aglomerados de madeira e de móveis), a Sicula (trefilados de aço). Um núcleo, como se vê, de industrialização diversificadíssimo e apoiado em fatores altamente satisfatórios de mercado para atender o consumo interno em termos regionais, a outras unidades federativas e em alguns casos a exportação.

Esses agrupamentos constituem verdadeiros módulos industriais e dão bem a medida do ritmo das transformações que se operam na área em que estão instalados.

No norte há um fenômeno um pouco diferente, de característica linear, ao longo da rodovia BR-87, entre Apucarana e Londrina. As próprias prefeituras, que agora partem para planos efetivos de urbanismo, já vem adotando cuidados para definir em seu zoneamento os pontos adequados para a implantação industrial. Arapongas, por exemplo, desapropriou para esse fim uma área de 250 mil metros

quadrados, servida por sistema rodod-ferroviário. Toda a infra-estrutura de água, saneamento, energia está igualmente prevista.

Todos esses empreendimentos — quer os da iniciativa privada, quer os da administração pública na parte de energia, estradas, saneamento — contam com uma presença comum hoje em todos os quadrantes do Estado, a da Companhia de Desenvolvimento Econômico do Paraná, que nos seus cinco anos de funcionamento tem se apresentado como o fermento das transformações estruturais.

Maringá não foge à regra. Como as demais cidades que seguiram os planos de ocupação territorial e colonização da Companhia Melhoramentos possui, na realidade, um verdadeiro plano diretor que muito facilitará a ação dos programadores urbanísticos que vem atuando na CODEM — Comissão de Desenvolvimento Municipal, órgão surgido do convênio CODEPAR-DATM.

O setor mais expressivo de concentração industrial se fez na diretriz da ferrovia que ali tem seus ramais alcançando as fábricas. É a área existente nas avenidas Colombo e Mauá, onde se situam unidades metalúrgicas, fundições, marcenarias, autopeças, serralherias, bebidas e móveis, etc.

A CODEPAR está presente aí com expressiva participação, bastando lembrar que só no ano passado aplicou em financiamentos na região cerca de 1,2 milhão de cruzeiros novos para inversões totais de 2 milhões.

Mas ao lado desse apoio, a empresa procura fixar uma estratégia de desenvolvimento para o nosso Estado, acompanhando as transfor-

mações que ajuda a empreender, evitando crises setoriais, saturação de mercado, tendo em vista enfim a adoção de alternativas que possam dar ao empresário um controle efetivo dessa expansão.

A distribuição de financiamentos quer por setores industriais, quer por regiões do Estado, revela tais cuidados. O mais visado, dentro de uma exigência de realismo à conjuntura paranaense, é o setor da elaboração dos produtos da lavoura com um total nesses cinco anos superior a 10 milhões de cruzeiros novos de aplicações. Há aí a preocupação evidente de alcançar um máximo de rentabilidade do nosso potencial de matéria-prima agrícola. Com mais de 7 milhões aparecem quase num mesmo plano os setores de elaboração de matéria-prima florestal e o de indústrias químicas e de manufaturas diversas. Acontece que esse último engloba diversificados ramos, o que mantém a prioridade evidente do primeiro por uma subordinação a uma atividade que ainda por muito tempo caracterizará, em vários pontos do território, nosso estágio de desenvolvimento, convindo portanto acionar a sua transformação em termos de economia industrial por um esforço de maximização do aproveitamento desses produtos.

As indústrias metalúrgicas e mecânicas aparecem a seguir com 4,7 milhões de cruzeiros novos e as que elaboram produtos animais com 4,5 milhões. Por último aparecem as indústrias que elaboram minerais não metálicos com menos de um milhão de cruzeiros novos, mas revelando através dos anos um ritmo satisfatório de crescimento e conseqüentemente de financiamentos.

**NINGUÉM SEGURA
O PARANÁ: À SUA
FORTE ECONOMIA
PRIMÁRIA SURGE A
INDUSTRIAL,
SUBPRODUTO DE
TODO O ESFORÇO
INTERNO NA
AGRICULTURA**



Cacique, o estágio mais alto da economia cafeeira, com o solúvel invadindo os mares, inclusive o mercado soviético (embalagens em russo). Outro traço comum: conjuntos industriais diversificados como o do Guabirotuba na Capital atendem a todo o mercado brasileiro.



A CRISE NÃO DEIXOU ESTÉRIL A TERRA ROXA

Adherbal Fortes Jr.

Em 1952, foi feito um levantamento do número de mudanças que seguiam em direção ao chamado "norte novíssimo". Quase 500 "trens" passaram num único dia. Há pouco tempo, o mesmo levantamento constatou apenas quatro ou cinco mudanças. Que voltavam.

Isso faz pensar em algumas profecias sobre o fim da "era do ouro" no Norte paranaense e provoca na maioria das pessoas a pergunta: "Mas o Paraná parou?"

As personalidades do mundo político e econômico que respondem aqui à pergunta explicam que não. Apenas cessou a idade da irresponsabilidade e começou a idade da razão. Já não se faz fortuna da noite para o dia em especulações de qualquer tipo. Em lugar daquele quadro confuso de vinte anos atrás, onde os pioneiros e os desbravadores misturavam-se com os especuladores e oportunistas, surgiu uma nova geração, composta de homens que pensam seriamente no dia de amanhã.

E a principal preocupação desses líderes parece ser a de estabelecer raízes ainda mais sólidas para o grande exemplo de desenvolvimento que é o Norte paranaense. Entendem eles que isso só virá com a agricultura planejada e adequadamente explorada. Por isso, querem a divisão regional da produção. Insistem em que os produtos só saiam do Norte industrializados, para não serem obrigados a vender a matéria prima a preço relativamente baixo e comprá-la de volta pelo dobro, o triplo do preço.

Acima de tudo, esses homens têm confiança no futuro do Paraná. E acreditam que a região Norte continuará sempre na vanguarda de seu desenvolvimento.

BOLFER: "com ou sem crise não há lugar melhor para viver"

Ermelindo Bolfer, banqueiro, empresário, presidente da Companhia de Desenvolvimento de Maringá e da Comissão de Industrialização de Mirangá, não acredita que o Paraná tenha parado:

«Não, o Paraná não parou. Apenas aqueles que vinham para cá e ficavam ricos em uma semana passaram a levar um pouco mais de tempo. É possível que o Paraná — particularmente nossa região — tenha alguns anos de sacrifícios devido à transformação. Transformação de costumes, de usos, de economia. Mas uma transformação para melhor. Porque nossa região, particularmente, se presta a qualquer tipo de lavoura. Veja, por exemplo, o caso da soja. Em apenas 3 anos, conseguimos alcançar metade da produção do Estado tradicional, que é o Rio Grande do Sul. E eu não falo só por mim. Falo por centenas de pessoas com quem convivo diariamente e nas quais observo o mesmo sentimento de otimismo. Nós achamos que o Paraná, com geada ou sem geada, com ou sem recessão, é o melhor lugar para se viver. Pena que os paranaenses viajem pouco. Se viajassem mais poderiam ver a situação em outras regiões e

verificar que nós, realmente, estamos entre os menos atingidos pela crise. A verdade é que os paranaenses, principalmente os paranaenses do Norte, sempre progrediram graças à iniciativa privada. E assim mesmo, com boa parte dos capitais aqui gerados indo para outros pontos do País, por falta de estímulos oficiais. Agora, parece que a situação começa a mudar. Quem sabe se a permissão para a pessoa física aplicar 10% de seu imposto de renda em ações, e a pessoa jurídica 5%, seja o primeiro indício de maior compreensão em torno desta luta. Tudo depende agora de uma união geral de todos os paranaenses e de todos os sulistas para que suas bancadas na Câmara e no Senado consigam trazer para cá maior número de benefício. Depende também de executar uma política objetiva para a racionalização da agricultura, expansão do crédito e maior eficiência dos órgãos governamentais. Se isso acontecer, esteja certo de que o Estado conseguirá até superar suas metas de desenvolvimento nos próximos dez anos. De qualquer forma estamos certos de que o Paraná não será um novo Nordeste.»

MENDES: "a recuperação econômica depende do apoio à lavoura"

Milton Mendes, gerente da agência do Banco do Brasil em Maringá, encontra boas razões para achar que o Norte do Paraná não parou em consequência da recessão.

«Creio ser preferível e mais exato dizer que o Norte do Paraná está se reajustando, adaptando-se à nova conjuntura, o que, sem dúvida, implica numa redução das atividades. Entretanto, a época mais difícil já passou. Estamos agora no movimento de recuperação. A recuperação da economia regional está em andamento e com toda a possibilidade de se efetivar dentro de pouco tempo — desde que as medidas de real amparo à lavoura se concretizem».

E, de sua posição estratégica para observar a evolução da conjuntura econômica, cita alguns dados importantes;

1 — A média mensal de cheques sem cobertura baixou em número e valor em relação ao período anterior à circular nº 58 do Banco Central.

2 — Embora entre idêntico período do ano passado e este tenha havido uma fase de menor volume de depósitos bancários, hoje a reação favorável já se faz sentir, com boas perspectivas.

De qualquer forma — nota o sr. Milton Mendes — as aplicações estão mais moderadas e submetidas a controle rigoroso, que se refletem no empresariado da região através de uma atitude de cautela, de acertos, procurando enquadrar-se na atual situação. E, o que é mais importante, o Banco do Brasil está comprando em todas as suas agências; apenas os produtos que encontram melhor preço no comércio normal não são oferecidos pelos produtores.

FUJIWARA: "muitos estão pagando o preço da especulação"

Jitsui Fujiwara, grande agricultor e industrial (óleos Maringá) do Norte, desmente qualquer possibilidade de retrocesso ou de recasso:

«Não, o Norte não parou. Continua crescendo e agora em bases mais sólidas. E como poderia ser de outra maneira? Não há nenhum outro lugar do Brasil mais vantajoso para investimentos do que aqui.»

Fujiwara não vê crise no setor de óleos vegetais:

«O que houve foi uma especulação contínua até 63. Começava na cozinha, onde a dona de casa armazenava mais óleo porque sabia que o preço seria mais alto no mês seguinte. Continuou na quitanda, no super-mercado, no atacadista e na fábrica. Quando surgiram as primeiras dificuldades de crédito, grande parte dos produtores não quis contabilizar seu prejuízo no momento adequado. Depois, não pode contabilizá-la, e passou a ter que manter os grandes estoques, com prejuízos crescentes. Isso até a reforma tributária e à elevação da taxa do câmbio, que deu aos nossos óleos vegetais paridade internacional, isto é, tornou seus preços iguais ou mais baratos que os óleos produzidos em outros países. Com

isso, os produtos de outras regiões que vinham para a região de Maringá fazer o chão do mercado passaram a ser exportado. E nossos óleos, refinados ou em bruto, também. Grandes firmas nacionais e estrangeiras que operam com óleo estão exportando para o exterior. Assim, o único e momentâneo problema decorre de alguns produtores não se terem desfeito de seus estoques no devido tempo. Veja nosso caso (Norpa) por exemplo: estamos com uma safra de 5,5 mil toneladas de amendoim compradas de janeiro para cá, concluímos a moagem e estamos com o estoque todo vendido. Mais de 200 toneladas de óleo bruto que possuímos são apenas o suficiente para atender os pedidos que já estão em carteira. No final deste mês (abril) já haverá óleo de soja aqui produzido à venda no mercado.

Esta é a situação. Há, naturalmente, os pessimistas e os otimistas. Mas vamos pensar bem. Vamos olhar para Maringá e a fértil região que a cerca, antes de falar em temor dos investidores. Se a gente não tiver coragem de investir numa terra como esta, investir onde, num cassino? A não ser alguns privilégios decorrentes da política governamen-

tal — e mesmo assim muitos investimentos em áreas como o Nordeste estão passando por sérias dificuldades — não há outra aplicação melhor do que o Paraná.

A época é de, com um equipamento e capital pequeno, tocar um movimento grande. E de diminuir os custos industriais ao extremo. Esta é a única forma, não de sobrevivência, mas de vencer nas condições atuais. Não só no setor de indústria, mas também no comércio. Não acredito e acho que não se deve esperar uma modificação radical nas linhas mestras da política econômica do governo. Não há justificativa para isso. Afinal, se fôr para mudá-la com tanta facilidade, o que nós fizemos durante esses três anos sofrendo?

No momento, a região de Maringá e toda a região Norte do Paraná não está sofrendo uma recessão. Está apenas caindo na realidade. Está começando a crescer ordenada e não desordenadamente. Com uma industrialização dirigida para os pontos-chaves do Estado — Curitiba, Ponta Grossa, Apucarana, Londrina, Maringá, Cascavel. E' a missão do governo incrementar o surto industrial nesses pontos-chaves, conjugando seus esforços com o setor privado.»

GERMANI: "a crise ajuda a sedimentar o terreno"

Emílio Germani, catarinense de Videira, já teve indústria de camas, máquina de café, foi gerente e diretor de banco, presidente do Sindicato dos Maquinistas de Café, Secretário da Associação Rural e agora volta-se novamente para o café. E' outro que acredita cegamente no grande futuro de Maringá e da região que a cerca.

«Nada pode deter este progresso permanentemente. O que houve diversas vezes foram paradas momentâneas, geralmente em consequência de crises — geadas, problemas com a comercialização do café principalmente. Mas cada parada — se é que se pode chamar assim — é benéfica. Ajuda a sedimentar o terreno, promover o expurgo natural e a purificação do meio sócio-econômico. Acredito que Maringá e sua região es-

tao apenas no limiar de seu grande futuro. Aqui, só agora que veio a energia elétrica. Aqui só agora chegou a estrada asfaltada. Só agora teremos água e todos os confortos modernos. Isso tudo criou condições para superar definitivamente aquela fase de quase nomadismo que marcou a chegada dos primeiros colonizadores. Todos tem condições agora de se fixar definitivamente nesta cidade, que pode tranquilamente receber o nome de metrópole. E por fixar-se entende não só construir sua casa, mas principalmente investir todo o seu dinheiro. Até há algum tempo, sentia-se que grande parte do que era lucrado em Maringá servia para investimentos em outros pontos do país. Em parte por apego à terra de origem, principalmente pela ausência de uma infra-estrutura que propi-

ciase a implantação das indústrias de transformação da matéria prima local.

De qualquer forma, esta continuará sendo a região de maior produção agrícola no país. Veja o café, por exemplo: aqui são colhidas, em média, cem sacas por mil pés, em São Paulo não chega a dar quarenta, cinquenta sacas no máximo. E' também a terra onde há melhores perspectivas para os investimentos a médio e longo prazo. Felizmente, os investidores da região estão compreendendo as vantagens dessa política e aplicando com maior inteligência e solidez. Talvez seja essa a razão de nosso otimismo. Estamos vendo tomar forma aquilo que sempre almejamos: uma região dinâmica, com sua economia consolidada, habitada por gente trabalhadora e feliz».



SAMUEL, O JORNALISTA

MILTON CAVALCANTI

O HOMEM desaparecera. Não era visto em nenhum dos lugares conhecidos. Nem na "boca", nem na Travessa Oliveira Belo, nem no "Senadinho", pontos de encontro diário e obrigatório de políticos, jornalistas e mexeriqueiros de Curitiba. O mistério perdurou por mais de uma semana.

— Na casa dêle, quem sabe?...

— observou um dia um dos colegas.

— Quem terá coragem de procurá-lo? — falou um dos amigos mais chegados. — Sabe lá o que êle contou para D. Olga? E se a gente vai procurá-lo lá pode entrar numa enrascada.

Nessa época o homem era um dos boêmios mais inveterados de Curitiba. E isso, até hoje, êle comenta. Não com saudade. Nem com orgulho. Mas como uma autoridade no assunto, refutando quem se atreva a afirmar que em Curitiba nunca houve boemia. E costuma lembrar, entre outros:

— E o Chichorro? e o Marcel Leite? e o Charquetti? e eu? Um dia Samuel apareceu. E complicou as coisas. Não queria dizer onde andara nem o que estivera fazendo. Essas coisas, porém, não se escondem eternamente. Aos poucos, os amigos mais íntimos foram desvendando o mistério. Estivera trabalhando. E trabalhando duro. Trancado num escritório rebuscava enciclopédias, livros de geografia econômica, artigos de jornais e escrevia uma série de conferências sobre a Índia. Um ministro da República, paranaense dos mais influentes na política da época, acabara de regressar de uma "viagem de estudos e observação". Trouxera alguns "slides" — novidade naquêle tempo, — meia duzia de anotações e iria brilhar, alguns dias depois, com uma série de inteligentes palestras sobre a Índia, as suas maravilhas exóticas e os seus problemas de saúde pública...

ESTE é Samuel Guimarães da Costa, jornalista. Naqueles tempos da década dos anos 50, quando a profissão de jornalista em Curitiba era das mais mal remuneradas e um reporter chegou a ganhar abaixo do salário-mínimo vigente, os malabarismos que o profissional da imprensa era obrigado a fazer, para garantir a sobrevivência, deu lugar a muitos episódios anedóticos como o descrito. E Samuel conhece uma infinidade deles. Vividos

pelos companheiros de profissão e vividos por ele próprio. E na convivência com o dia-a-dia dos jornais e revistas editados em Curitiba, desde 1945, é atualmente um dos homens melhor informados sobre os fatos e as personalidades da vida política e econômica do Paraná desses últimos vinte anos.

REDATOR da "Gazeta do Povo", secretário de "O Dia" e "O Estado do Paraná", redator-chefe da revista "Panorama" e presentemente da "NP", produtor de programas de TV, colaborador de inúmeros jornais e revistas brasileiras, Samuel tem sido, antes de tudo, um repórter. Repórter no seu mais amplo sentido. Cavando a informação não somente nos fatos do cotidiano como também, nos documentos históricos, nas entrelinhas dos informes oficiais, nas reminiscências dos episódios vividos ao acompanhar, durante esse longo período da vida paranaense, a quase totalidade dos homens públicos e dos acontecimentos políticos que transformaram o Paraná num "Estado notícia", mas, ao mesmo tempo, num "Estado problema" da Federação brasileira.

Estudioso incansável dos problemas paranaenses, Samuel Guimarães da Costa tem primado, na sua atividade jornalística, pelo espírito crítico. Conhecedor, como poucos, da história e da evolução econômica do Estado, sua contribuição ao equacionamento das soluções corretas para o desenvolvimento econômico, social e político do Paraná tem sido das mais valiosas. Nesse sentido, publicou trabalhos importantes como "Economia Ervateira", editado pelo Centro Nacional de Estudos Cooperativos, entidade de caráter federal e "Estudo das Áreas Culturais do Paraná como Fundamento da Educação", editado pela Associação de Estudos Pedagógicos do Paraná.

DOTADO de profundo sentimento coletivo, Samuel tem participado de quase todas as reuniões e congressos organizados pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná. Em todos eles sua atuação foi das mais destacadas e brilhantes. Seus colegas não esquecem aquele I Encontro de Jornalistas Profissionais do Paraná, realizado em Londrina. Uma tese de sua autoria sobre problemas econômicos brasileiros foi o tema mais discuti-

do durante todo o conclave. Envolveu no debate até os companheiros de outros Estados, que aqui vieram para assistirem ao congresso. E no último dia, após uma noite alegre nas boites de Londrina — única noite livre durante os cinco dias de trabalho — os componentes da Comissão de Redação da Declaração de Princípios não acertavam nem como iniciar o documento. Apelaram para o Samuel. E ele, sem pestanejar, ditou os três primeiros itens que serviram de base para a Declaração de Princípios de Londrina, documento tão importante que foi posteriormente adotado pela Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais como uma das mais sérias manifestações coletivas dos jornalistas brasileiros.

O conceito que goza entre os companheiros de imprensa pode ser avaliado por alguns dos pronunciamentos feitos na oportunidade de sua recente posse na Chefia da Casa Civil do Governo do Estado. O jornalista João Dedeus Freitas Netto, presidente do Sind. dos jornalistas Profissionais do Paraná, ao manifestar o regosio da entidade afirmou, entre outras coisas: "A deferência feita a um membro desta entidade, senhor governador, encontra ressonância maior entre nós, pois o escolhido representa o que de bom, profissionalmente, possui a imprensa do nosso Estado: capacidade, honestidade e um profundo senso de independência, tão difícil de encontrar nos dias atuais por parte dos que desempenham a tarefa de informar a opinião pública".

Moção, firmada pela totalidade dos membros do Comitê de Imprensa da Assembléia Legislativa do Paraná, disse que o gesto do governador "destaca o conceito de que gozam os profissionais de imprensa, principalmente aqueles que, como Samuel Guimarães da Costa corporificam uma legenda autêntica do jornalismo paranaense".

NEM por isso, no entanto, Samuel esteve isento, em sua vida pública, das calúnias e das traições. Após a revolução de março de 64 foi apontado, juntamente com outros jornalistas paranaenses, como "subversivo" e perigoso para a tranquilidade do novo regime. Teve mais sorte do que a maioria de seus companheiros. Tinha, na sua bagagem literária, algo que impressionou os militares responsáveis

pelo inquérito: um livro, premiado e publicado pela Biblioteca do Exército, intitulado: "Formação Democrática do Exército Brasileiro". Escapou, tranquilamente, do processo.

FORA da imprensa Samuel tem exercido inúmeras atividades. Entrou no serviço público em 1945, como redator. Já aí, integrava a Assessoria de Imprensa do interventor Manoel Ribas. Participou da organização do Departamento de Assistência ao Cooperativismo, onde foi Chefe de Divisão. Integrou o movimento de organização dos produtores de mate do Paraná em cooperativas e foi membro da Comissão de Planejamento Cooperativo do Mate, órgão federal. Foi superintendente da Federação das Cooperativas de Produtores de Mate do Paraná, entidade à qual está até hoje vinculado. Nessa última função realizou várias viagens ao Uruguai, Argentina e Chile onde promoveu, juntamente com outros companheiros daquela entidade, importante trabalho para a expansão do mercado externo do mate brasileiro. No governo Café Filho foi assessor dos ministros da Agricultura e de Saúde. A partir de 1964 participou da Assessoria do ex-governador Ney Braga e integrou a do atual governo desde o início. Recentemente foi nomeado para a Chefia da Casa Civil.

SAMUEL Guimarães da Costa, jornalista. Entre os amigos mais íntimos ele faz questão de afirmar: "É só o que quero ser. Tudo o mais é transitório". Por mais alto que seja o cargo ou a função com a qual me distinguirem eu as exercerei com um só pensamento: o de ser e continuar sendo um jornalista." Os amigos, os colegas da imprensa curitibana e paranaense, os companheiros de lutas sindicais acreditam e confiam que Samuel permaneça, como afirmou Freitas Netto em seu discurso já referido: "um dos homens isentos, dos que não aplaudem sempre, dos que criticam às vezes, dos que não se condicionam à vontade dos que detêm o poder quando ela representa apenas a vontade dos que mandam..." Um jornalista, esse bicho tão raro nos dias de hoje e cada vez mais difícil de sobreviver dentro dos condicionamentos econômicos e políticos da sociedade em que vivemos.



KAZUMI TAGUCHI, natural de Okayama, no Japão, preside a Câmara.



Prof. ARY DE LIMA, mineiro de São Sebastião do Paraíso é o vice.



ANTENOR SANCHES, nascido em Campos Novos é pela segunda vez primeiro secretário.



Natural de Cândido Mota, DÉCIO BRAGAGNOLO é o segundo secretário.



ARLINDO PLANAS é pioneiro. É paulista de Avaré e membro de uma família de políticos.

Originários de Tôdas Latitudes Êles Legislam Uma Nova Civilização

15 homens, oriundos de tôdas latitudes têm a incumbência de legislar a nova civilização que se estabeleceu em Maringá, num regime paladino de governo, onde o homem é mais homem e onde a terra é mais dadivosa, retribuindo a mãos cheias o suor que a rega.

Nove paulistas, dois mineiros, um capixaba, um catarinense, um japonês e um paranaense, apenas um paranaense, formam o plenário da Câmara Municipal de Maringá, assembléia legislativa que já se tornou famosa por sua ação e de quem depende o município

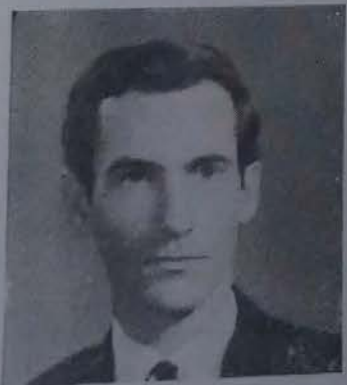
para manter o incrível progresso que o caracteriza.

Do espírito santense, o mais idoso, ao mais jovem, o único paranaense, existe apenas um diapasão de trabalho, regulado e incentivado por um jovem líder japonês, Kazumi Taguchi, brasileiro por opção e maringense por eleição.

Semanalmente Maringá revê seus métodos de vida, planifica correções, legisla novas normas e supre Executivo e Judiciário dos padrões para equacionar a agitada vida político administrativa da "cidade-canção", uma das mais ativas do interland paranaense.



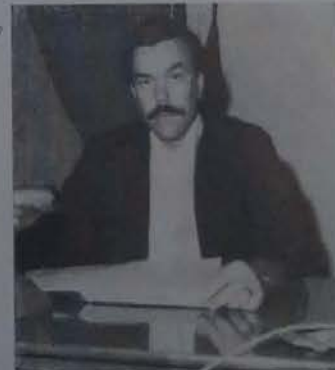
MIDUFO WADA é professor e Inspetor de Ensino Médio. Nasceu em Birigui, em São Paulo.



RENATO BERNARDI é professor secundário e nasceu em Ibirá, em São Paulo.



BELINO BRAVIN, é capixaba e o mais idoso da Câmara. Tem 56 anos. É um dos pioneiros.



ALBERTO BORGES, único paranaense. Natural de Cambé e desempenha mandato pela segunda vez.



PRIMO MONTESCHIO ocupa pela segunda vez a cadeira de vereador. É paulista de Sertãozinho.

**20 ANOS
É MUITO POUCO NA VIDA
DE UMA CIDADE QUALQUER.
PORÉM, PARA A CIDADE-CANÇÃO,
ÊSSES POUCOS ANOS FORAM
EXATAMENTE OS NECESSÁRIOS
PARA CONSTRUIR UMA
GRANDE E BONITA CIDADE**

Plantada em sólo fértil, em plena canaã brasileira, o norte paranaense — Maringá foi uma semente vigorosa e, nos seus verdes 20 anos é uma esplendente realidade. Projetada para ser uma grande cidade, tem a função específica de servir como centro de irradiação da progressista área onde se acha situada.

Sua vida política-administrativa tem na Câmara Municipal um exemplo dignificante, sem paralelos em centros de maior ou menor projeção. Semanalmente às terças-feiras, à noite, para não quebrar o ritmo da agitada vida municipal, os vereadores se reúnem na Câmara Municipal, sob a presidência de um filho da terra dos Crisântemos. São 15 homens de todos quadrantes que comungam de um só ideal: servir. Organizada nos moldes mais atualizados e compatíveis com a vida legislativa, os trabalhos se processam obedecendo uma pauta previamente elaborada, da qual o vereador, onde estiver, toma conhecimento 24 horas antes da sessão.



PAULO VIEIRA DE CAMARGO natural de Itapetininga já presidiu a Casa em duas legislaturas.

Ocupando local reconstruído para cumprir as finalidades a que se destina, a Câmara oferece, em suas espaçosas dependências, um serviço interno de som. Cada vereador é um representante do povo e os partidos ou ex-partidos, no decorrer dos trabalhos, pouco ou nada significam. Sômente uma palavra os sensibiliza: Maringá. Em tórno da cidade que eles ajudaram a construir, eles se aglutinam férreamente e, em nome do município se unem homens de formação ideológica diversa, com concepções próprias e com um sentimento muito vivo: nós continuamos trabalhando por Maringá.

Kazumi Taguchi, natural do Japão e há 23 anos radicado na cidade que completa 20 de emancipação é o presidente da Casa. Seus auxiliares, na mesa, são Ary de Lima, mineiro; Antenor Sanches, catarinense e Décio Bragagnolo, paulista que, como todos os demais, se unem pelo confesso amor com que trabalham pelo município.



Com apenas 28 anos CARLOS ANTONIO MARIO MANICARDI é de Itapetininga, em São Paulo, é municipalista.



EVARISTO PELEGRINO é funcionário do Estado. Paulista de Regente Feijó já foi vice-presidente da Câmara.



ELYDIO CONTE já foi suplente e volta como titular. É de Serra Negra.



JOSÉ CARLOS ROSAS é o único bacharel do Legislativo. É cirurgião-dentista e mineiro de Brásopolis.

CANTO CORUJÃO

Todos esnobam sua terra; vou esnobar também a minha. Não pensem que falarei de São Fidelis, aquela cidadezinha linda do Estado do Rio, onde nadei no Paraíba, pulei muitos muros para roubar laranja, joguei bola de meia, cacei rolinha e papa-capim, armei arapuca na Ilha do Rosário para pegar juriti, brinquei de roda-diabo, gazeiei escola, fiquei de castigo ajoelhado em carçoço de milho. Não vou falar de São Fidelis, onde nasci, onde namorei escondido, onde todo mundo é meu parente, onde todo mundo me chama de Gutinho, onde joguei bola de gude, onde dei tapa e levei tapa em brigas com outros guris da época. Não vou falar da beleza de São Fidelis, lá longe, emoldurada de montanhas, enfeitada de palmeiras onde ainda cantam sabiás. Da São Fidelis que tem borboletas, que tem crianças e velocípedes brincando nos jardins no meio de borboletas de todas as cores. Não falarei do luar de São Fidelis, que nasce boêmio detrás da Serra do Sapateiro e vem narcizar-se nas águas do rio, fazendo pôse para a serenata dos poetas.

Quando digo que todos esnobam sua terra e vou esnobar também a minha, quero referir-me a outra terra, aquela onde nasci de novo, para um mundo novo, no dia 17 de janeiro de 1955. Eu quero falar de Maringá.

Naquele janeiro cheio de sol, cheguei de jipe. Olhei no espelho e não me descobri no meio de toda aquela capa de pó vermelho. O chuvaire me caiu por cima e a água barrenta, da cor do amanhã, da cor de uma esperança mais linda do que as esperanças verdes, rolou pelo chão, anunciando a dura e empolgante aventura que aguardava o rapazinho de vinte e um anos.

Fui morar na avenida Brasil, lá perto do Maluf. Em frente de minha casa, eu não via frente alguma. Era tudo uma bruta nuvem de pó, levantada pelos caminhões que chegavam do sertão trazendo toras, trazendo café, trazendo algodão, trazendo feijão, trazendo o futuro.

Era no tempo do Villanova, prefeito muito xingado e muito incompreendido. Veio o Américo montado numa enorme motoniveladora que cavou milhares de votos e fez dele o segundo prefeito de Maringá, o prefeito mais barulhento e mais desleixado do mundo, que foi ao mesmo tempo um sujeito espontaneamente simpático, mas que deu uma de desesperado e acabou num fim que todos sinceramente lamentamos.

Américo jogou asfalto nas ruas. Fez jardins. Construiu a fonte luminosa e outras tantas construiria se lhe dessem tempo.

Então surgiu o João Paulino, começando tudo de novo e traduzindo a cidade para o moderno, para o disciplinado, para o planejado, para o estruturado. João Paulino botou juízo na cabeça louca de Maringá e fez a cidade entrar nos eixos, ficar bonita e fazer um jeito de metrópole.

E veio Luiz de Carvalho, com seu bigode e seu ar mineiro, mais chinês, mais indú, mais oriental, mais místico do que mineiro. Um homem puro e sério, sereno e firme, que sabe o que quer, sabe o que faz e sabe estar deixando Maringá um "trem", como diria a turma lá de Minas; uma "jóia", como diria a moçada barra-limpa; uma "coisa", como diriam outros barra-limpa; um "estouro", como diria o Ibrahim; uma "beleza de cidade", como diria o Renato Córte Real.

Curitiba que se cuide! — costumam afirmar os exagerados. Londrina vai ficar para trás! — garantem outros. Deixe que esnobem, porque vou esnobar também.

Na cidade de vinte anos, o povo que a construiu pode ser perfeitamente absolvido, quando dá essas de "coruja". Todo filho é o mais lindo do mundo, quando visto por olhos paternos.

Vamos ter o maior estádio do Paraná. A nossa Catedral será a mais alta do Estado. O traçado urbanístico de Maringá é inigualável. O serviço de abastecimento de água, da Codemar, será uma coisa de impressionar qualquer Nabucodonozor. As nossas praças são as mais lindas do Brasil. O nosso povo é o mais empreendedor.

Tudo isso se justifica, porque podemos dizê-lo de boca cheia, quase por que é verdade, mas sobretudo porque somos também brasileiros. E os brasileiros dizem tranqüilamente que "nosso céu tem mais estrelas, nossos bosques tem mais flores", como se nos outros países não houvesse estrelas nem houvesse flores.

O curitibano que cante as maravilhas de Curitiba. O londrinense que diga ao mundo que Londrina é a melhor cidade da terra. Nós de Maringá somos corujas e dizemos de Maringá, que não há nem haverá no mundo outra mais bela, outra mais rica, outra mais tudo.

Todos esnobam sua terra; vou esnobar também a minha.

E vou esnobar, principalmente, porque o Paraná tem hoje uma revista como esta NP e esta revista nasceu em Maringá.

E com essa, e depois dessa, consigo que o Brandespin, o Samuel e toda a turma da revista fechem os olhos e ponham numa de suas páginas este canto corujão.

Mas se ninguém, das outras cidades paranaenses, quiser acreditar no que eu disse. Se ninguém quiser aceitar como verdade a grandeza maringaense que exaltei, perguntem ao João Paulino. Garanto que ele dirá: "Multipliquem tudo isso por dez e vocês ainda não terão a metade da expressão de Maringá".

Qual o primeiro pôrto brasileiro
aprovado no
"teste de investimento" do BID?

PARANAGUÁ

É com orgulho que anunciamos esta vitória. Nosso "Plano de Expansão e Melhoramentos", a ser realizado até 1969, aplicará 11,9 milhões de dólares em dragagens, ampliações do cais geral e de combustíveis e construção de silos para cereais.

O Banco Interamericano de Desenvolvimento — BID, aprovou nossos projetos e já contratou os financiamentos necessários à realização das obras.

Este é o primeiro programa portuário financiado pelo BID no Brasil. É o segundo da América Latina. O esforço que estamos desenvolvendo é a resposta ao desafio de uma vasta região continental, ávida de progresso — incluindo a República do Paraguai, para a qual somos "pôrto livre". Estamos orgulhosos. Estamos cumprindo um programa de governo — do Governo do Estado do Paraná, e do Governo Federal, através do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis do Ministério da Viação e Obras Públicas. E estamos realizando a nossa vocação geográfica de grande pôrto da região Extremo-Sul brasileira.

ADMINISTRAÇÃO DOS PORTOS DE

PARANAGUÁ E ANTONINA

Paranaguá - Paraná
Escritório em Curitiba - Edifício ASA
Rua Voluntários da Pátria 475, 1º andar, sala 6,
fone 4-9010, ramal 76
Escritório em São Paulo - Rua Conselheiro
Crispiano 344, 7º andar, sala 705, fone 33-1343



NÓS FOMOS OS AJUDANTES DO PROGRESSO

Há muitos anos servimos Maringá
ajudando-a na construção de suas belas residências,
suas escolas, hospitais, clubes recreativos,
e também arranha-céus.

Praticamente nascemos para ajudá-la a crescer
e a cumprir seu destino de grande metrópole.

Hoje, contemplamos a obra executada
e sentimos que ainda há muito por fazer.

O impulso irresistível que fez desta cidade
o que é hoje não diminuiu;
antes foi acelerado.

Há milhares de novas casas, prédios,
escolas, clubes e hospitais por fazer.

Por isso, estamos aqui — orgulhosos de Maringá,
com a tranqüila certeza do dever cumprido.



COMPANHIA DE CIMENTO PORTLAND MARINGÁ